

Camila Maciel

ELAS DE BOTINA

Volume I





Esse livro digital é uma produção independente e gratuita, se você acredita que as histórias dessas grandes mulheres podem fazer a diferença na vida de uma pessoa, compartilhe e passe adiante.

Agradecimentos

Agradeço à todas as mulheres que se fizeram pontes para as próximas gerações ao contar suas histórias e àqueles que apoiam de forma direta ou indireta o projeto do elas de botina. Juntos somos mais fortes!

Prefácio

Sempre gostei muito de escrever, criei um blog em 2008 na época da minha graduação para não perder os textos que escrevia e me disseram que sou uma boa contadora de histórias.

Me chamo Camila Maciel, sou a primeira engenheira eletricista de todas as gerações da minha família, entrei para o setor elétrico com os dois pés na porta, completei esse ano 10 anos de carreira nesse setor, construí subestações de Norte a Sul do Brasil.

Já perdi as contas de com quantos homens trabalhei, no último empreendimento que participei como co-responsável do projeto e execução, o Bipolo II- UHVDC de Belo Monte da maior linha do mundo em 800kVcc, era a única engenheira eletricista da construção e uma das pouquíssimas mulheres entre 800 pessoas no pico da obra na subestação Xingu. Lembro o nome das poucas botinas de mulheres profissionais que dividiram os canteiros de obra comigo por esse Brasil.

Em 2019 tive o imenso prazer de dar palestras sobre minha carreira na universidade que me formei em Campina Grande e no IFAL para alunos de engenharia elétrica, me marcou a fala das meninas: é muito importante vermos exemplos de mulheres que seguiram carreiras como a sua, nos dá força para querer entrar nessas áreas.

E alguns meses depois sentada no chão entre relés eletromecânicos de uma antiga subestação pensei: por que só contar a minha história se posso usar meu dom de contadora para também mostrar as muitas mulheres “fazedoras” que trabalham nas mais diversas áreas e usam botina por esse Brasil como eu.

E assim criei o projeto elas de botina, além de engenheira eletricista sou escritora e contadora de histórias.

Acredito que livros são legados que deixamos para humanidade, e as histórias das mulheres reais que fazem muito por esse Brasil merecem estar neles para que as futuras gerações saibam que não estão sozinhas e que os caminhos foram abertos pelas que vieram antes delas. Cada página virada desse livro é uma possibilidade de vida que se abre para cada menina e mulher que irá ler.

Todas as inspiradoras histórias das 28 grandes mulheres desse volume I foram contados no perfil do instagram [@elasdebotina](https://www.instagram.com/elasdebotina).

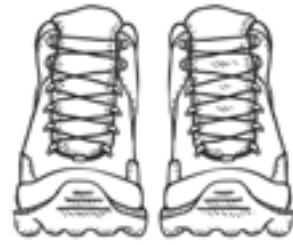
Somos mais que profissionais, somos mulheres “fazedoras” reais que se orgulham em calçar suas botinas, somos elas de botina.

Sumário

| | |
|-------------------------------------------------------------|-----------|
| Capítulo 1: Engenheiras Cívis..... | 7 |
| Camila Sobrinho | 8 |
| Carolina Naves | 12 |
| Daiane Ferreira..... | 14 |
| Deilda Oliveira | 18 |
| Paloma Andrade..... | 20 |
| Sâmela Santos | 26 |
| Thamires Souza | 28 |
| Capítulo 2: Engenheiras Eletricistas | 32 |
| Camila Maciel | 33 |
| Emanuele Reis | 39 |
| Giulia Ferri | 42 |
| Juliana Arteiro | 45 |
| Mariani Souza | 48 |
| Néia Pereira | 53 |
| Viviane Silva | 55 |
| Capítulo 3: Engenheira Mecânica..... | 61 |
| Thais Ghise | 62 |
| Capítulo 4: Engenheira de Minas | 64 |
| Mariana Martins..... | 65 |
| Capítulo 5: Engenheira de Segurança do Trabalho..... | 68 |
| Paula Priscilla Castiglioni | 69 |

ELAS DE BOTINA : Volume I

| | |
|-----------------------------------------------------------|------------|
| Capítulo 6: Administradoras..... | 73 |
| Naysa Ribas..... | 74 |
| Neusa Coelho..... | 77 |
| Capítulo 7: Refrigeristas | 82 |
| Laura de Vooght | 83 |
| Marilon Barbosa | 86 |
| Capítulo 8:Técnica em eletrônica..... | 88 |
| Beatriz Bailon | 89 |
| Capítulo 9:Técnicas em eletrotécnica | 92 |
| Amanda Santana | 93 |
| Kariny Gabry..... | 95 |
| Karoline Amaral | 102 |
| Rayssa Amaral | 104 |
| Rosiane Correa 2..... | 108 |
| Capítulo 10:Técnica em segurança do trabalho | 109 |
| Sabrina Silva | 110 |
| Epílogo..... | 113 |
| Elas indicam..... | 114. |



Capítulo 1

Engenheiras Civas

“Se ninguém parecida com você está no lugar onde você quer chegar, você poder ser a primeira.”

(Rachel Maia)

Camila da Silva Sobrinho



Publicada em janeiro de 2020.

Camila da Silva Sobrinho é a mãe da linda Maria Helena.

Ela se formou na UFCG em junho de 2010, na sua família já havia algumas engenheiras de Materiais, pensava em tentar quem sabe seguir pela mesma linha, mas no dia da inscrição do vestibular deu na “veneta” em fazer algo diferente e escolheu a engenharia civil.

O irmão de um dos seus professores tinha uma empresa que trabalhava com construção de subestação e estava à procura de recém-formados. Ela se candidatou, foi selecionada e encarou o desafio de seu primeiro emprego no “trecho”.

Era a primeira vez que ela foi morar fora de casa, e em outro estado bem longe da família. O trabalho era construir uma subestação para uma mineração na Bahia, e adivinhem onde? No Pilar, uma cidade pertinho da minha, alguns anos depois o destino ia nos juntar no trecho.

A empresa era pequena, e o desafio de encarar de primeira a gerência de uma obra sem experiência nenhuma, e como sempre digo senhores e senhoras, a universidade não te ensina tudo, o dia-a-dia que vai ser teu maior professor na sua carreira, fez de Camila uma guerreira.

Logo depois o fiscal responsável pela supervisão da obra que fazia parte de um bay da Chesf prometeu conseguir algo melhor para Camila, e conseguiu.

Ela então mudou de empresa, mas continuou no “trecho” no ramo de subestação e partiu para um grande desafio mais longe ainda da família, em Araraquara em São Paulo. Duas ampliações gigantescas CETEEP em 440kV e Furnas em 500kV, essas faziam parte das conexões com o SIN(Sistema interligado Nacional) das linhas dos Bipolos do projeto Madeira que vinham lá de Porto Velho onde ficou por quase 2 anos.

Camila foi a primeira engenheira dessa empresa, alguns meses depois eu entrei para ficar no Bipolo na ponta de Porto Velho, cheguei a ir em Araraquara isso em 2011, onde nos conhecemos e somos grandes amigas até hoje. Acreditam que nos formamos na mesma universidade e no mesmo ano em 2010, mas nunca havíamos nos encontrado em Campina Grande. O trecho ainda nos uniu novamente em mais duas obras na Bahia alguns anos depois.

Ao terminar as obras de Araraquara ela foi para uma ampliação em São João do Piauí no interior do Piauí onde ficou por cerca de 10 meses até receber uma proposta de uma grande multinacional, a ABB.

Já experiente seu trabalho crescia e com reconhecimento da chefia pelo seu excelente desempenho, na ABB era site manager de construção de subestação. Após concluir a obra em São Paulo, iria ser transferida para Manaus, mas Camila diz ter medo de bicho e não aceitou encarar a Amazônia.

Saiu então da ABB, retornou para Araraquara e mudou para o ramo de construção de condomínios, onde ficou por cerca de um ano e meio, mas a empresa acabou não indo muito bem e a dispensou.

Camila então recebeu uma proposta daquela mesma empresa que trabalhávamos juntas, e aceitou retornar ao “trecho”. Lá foi ela de novo voltar a estrada, a obra ficava na Bahia, em Caetité, a subestação era de 500kV, onde ficou por cerca de sete meses como apoio técnico para outra engenheira civil.

De Caetité, ela arrumou as malas novamente e na mesma empresa foi para Juazeiro ainda na Bahia, e além da subestação também encarou o desafio de ser responsável pela construção de um trecho de Linha de transmissão. De Juazeiro ela partiu para Sapeaçu também na Bahia para mais uma ampliação de subestação.

Adivinhem que era a engenheira da empresa contratante, euzinha! Duas Camilas engenheiras em uma mesma obra. Como a rádio pião sempre diz: “o mundo é grande, mas o trecho é pequeno”.

Em Sapeaçu ela conheceu o amor da vida, um baiano gente boa com mesmo sobrenome que o meu e da mesma cidade da minha família paterna Santo Antônio de Jesus, viramos quase parentes!

De Sapeaçu ela retornou a Juazeiro para mais uma ampliação, lá descobriu que aquele amor era tão grande que deu fruto e nasceu a linda Maria Helena.

Eles casaram e nasceu assim uma linda família.

Camila, saiu de licença maternidade, após a licença a empresa ainda estava sem novas

obras, mas a manteve no quadro.

Quando Maria estava com 7 meses recebeu a notícia que a empresa havia ganhado uma obra em Minas Gerais.

Camila sempre tinha encarado o trecho sozinha, e qualquer lugar era lugar, mudanças já eram rotina para ela. Agora era um novo mundo seguir no trecho com uma família formada.

Seu marido nessa mesma época havia sido transferido para outra cidade também na Bahia, em Itaberada, ela ainda acompanhou a mudança, mas uma semana depois precisou partir para Minas, pois a obra iria começar. Seu marido não pode a acompanhar por causa do trabalho dele e ficou em Itaberaba.

Camila e Maria Helena se mudaram para Arinos em Minas Gerais, para uma mãe de primeira viagem encarar a maternidade já é um desafio, agora imaginem sem poder ter o marido perto e em uma cidade sem nenhum conhecido.

Começam então a surgir as inseguranças de como trabalhar e ser mãe, o medo de um lugar sem conhecidos e confiar em alguém para cuidar da sua bebê.

Os caminhos se abriram e colocou um anjo na vida delas que foi junto e a ajudou com a difícil missão de conciliar o ser mãe com a carreira profissional.

Tudo muda, obra não é fácil, e para mulher onde ainda somos tão poucas é mais difícil ainda, a maioria deles ainda acham que mulher tem que ficar em casa e não deve trabalhar. Mas Camila nunca se deixou abater pelo que achavam dela ser mulher em uma obra, pelo contrário encarava como desafio e eles tinham que a respeitar.

Gerenciar algo já é difícil, obra então e com tantas pessoas sob sua responsabilidade, onde até ser uma quase psicóloga e ter que ouvir as tantas lamentações tem que ser, lidar com pessoas diferentes de você é complicado. Acredita que os tempos já mudaram muito desde quando começou em obra.

A subestação era enorme de 500kV com 14 Reatores, construção é um trabalho que te pressiona diariamente, antes onde era chegar em casa e relaxar no sofá com uma cerveja, agora era fazer janta, almoço para o outro dia, dar atenção e carinho a uma bebezinha linda, e ligar para matar a saudade do marido que está longe e também precisa de atenção para manter o casamento a distância.

Como dar conta? No final tudo dá certo, só quem trabalha em obra entende quão recompensador é concluir e energizar uma subestação e ver que nada saiu errado, que tem seu suor ali dentro.

A família do trecho é para vida, e em cada canto desse país fazemos e deixamos gran-

des amizades.

Nessa obra, o responsável pela montagem dos reatores da ABB lembrou dela da época da ABB e contou que tinham contratado uma mulher para fazer da equipe de montagem como montadora e que na contratação a citou como exemplo profissional de como ela tocava a obra muito bem.

Que admiração pela mãezona e força em conciliar com a carreira que tenho por você, Xará, muitas mulheres irão se inspirar com sua história e saberão que fácil não é, mas é possível sim, ser mãe de botina.

Camila e Maria Helena seguem juntas de botina pelo trecho.

Para saber mais sobre a Camila Sobrinho e suas experiências profissionais:

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/camila-sobrinho-andrade-a4b00647/>

Carolina Naves



Publicada em junho de 2020.

Carol é mineira, uai, engenheira civil e uma das criadoras do @mundodaengenhaira, na página elas dão dicas de projetos e de obras.

Começo meu depoimento de como é difícil sair da zona de conforto, pois lá é bem tranquilo e sem muitas responsabilidades né?! Pois bem, quando resolvi sair, pelo simples fato de não conseguir um primeiro emprego na área foi bem massacrante para “meu ego”, mas posso dizer que nunca desisti, mesmo em volta existindo pessoas que falavam, “assim não vai sair com nada” etc.

Depois que formei, sem emprego, fiz desenhos no cad para um desenhista (renda mensal R\$ 300,00), alguns bicos, até que consegui um emprego na área depois de uns três meses, mas sem ser realmente engenheira civil, era estagiária formada (renda mensal R\$ 2 salários e CLT), vamos dizer assim, não acho vergonha e muito menos tenho algum tipo de arrependimento, só pelo fato de aprender coisas maravilhosas e grandes para meu futuro na área, e também aprender qual profissional não queria ser!

Passei e enfrentei muito preconceito por ser mulher no campo de obra, do qual posso citar, uma vez, uma pessoa importante da obra, me fez uma pergunta: “qual curso você fez mesmo, quando era mais novo pensei em até fazer, mas não preciso mais HAHHAHA”.

Sempre fui uma pessoa de “nunca levar desaforo pra casa” (mas nunca diga nunca), levei e muitos. Só que um dia, respondi a altura e tive que sair do emprego, mas não dava mais, estava psicologicamente afetada, chorava todos os dias, estava levando um emprego por ter que pagar muitas contas (pós, plano de saúde, etc), não era aquilo que tinha sonhado, sai com medo mesmo!

Até que resolvi empreender, e graças a Deus tinham pessoas na minha vida que compartilhavam dos mesmos sonhos/planos que eu, abri meu escritório com uma sócia e um sócio.

Hoje tenho dois empregos na área (público e privado), mas ainda assim é um grande processo de aprendizagem a cada dia! Ainda não cheguei lá, mas estou chegando e o dia que alcançar minha grande meta, vou olhar para trás com orgulho do que estou me tornando! Deixo hoje pra vocês: não desistam dos seus sonhos, só você é responsável e capaz de realiza-los!! Muitos dirão “não”, mas você ☐ é o “sim”.

Para saber mais sobre a Carol Naves e suas experiências profissionais:

Instagram: [@mundodaengenhaira](#) [@eng.carolnaves](#)

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/carolinanaves/>

Daiane Ferreira



Publicada em julho de 2020.

Daiane é baiana e assim como eu precisou deixar a terrinha amada para ir fazer faculdade em outro estado, escolheu Minas para estudar e fazer carreira, onde mora até hoje.

Assim que terminou o ensino médio, ela começou a estudar para o enem na sua cidade na Bahia mesmo em 2009, foi para Belo Horizonte em 2011, escolheu Minas por seus irmãos já estarem lá.

Algumas pessoas nem se despediram dela direito e falavam: “Daiane vai sair daqui da Bahia que já está acostumada, com pouco tempo ela vai voltar.”

Ouvir isso a motivou mais ainda a ir para Minas e continuar lá, diz que quando escuta alguém dizer que ela não vai conseguir, é que ela fica mais motivada a não desistir.

A ida dela para Belo Horizonte, disse que não pode deixar de falar dos seus pais que moram na Bahia, que é muito apegada a eles até hoje e até se emociona ao falar deles, que mesmo sem terem um ensino superior ou até concluir o ensino médio sempre foram muito batalhadores.

Tem em sua mãe um exemplo de garra, de mulher, toda vez que pensa em fazer alguma coisa, de lutar por algo ela se inspira nela, é a sua mulher inspiração, é muito guerreira mesmo, de correr atrás das coisas de uma forma inexplicável e as conquista com muita inteligência mesmo sem ter um ensino superior. E ela sempre fez questão de fazer a gente correr atrás, diz Daiane.

Ela disse que seus pais a inspiram muito, acha que eles não têm noção do quanto eles a inspiram e do quanto são importantes para ela. A distância deles foi muito difícil no início, ter que abrir mão de uma cidade pequena que as vezes as coisas estão teoricamente mais fácil por estar com seus pais e ir para uma cidade grande onde as pessoas se comportam diferente,

se tratam diferente e ter que se adaptar a isso, mas agradece a Deus por não ter desistido e ter continuado.

Diz que sempre volta lá na sua cidade, ama de paixão, diz que tem maior orgulho de dizer que é baiana, que é Itamarajuense, e se orgulha de suas raízes.

No início quando ela se mudou para Minas sua intenção inicial era fazer jornalismo, trabalhava durante o dia e a noite começou a fazer o curso pré-vestibular, percebeu que desde o ensino médio ela tinha mais afinidade com a área de exatas e no fundo mesmo ela queria fazer era um curso de exatas.

Fez vestibular para contabilidade na UFMG, passou na primeira fase, mas não passou na segunda, conseguiu uma bolsa para logística, e passou para engenharia civil onde ficou na engenharia mesmo.

Ela agradece a Deus por ter escolhido engenharia, pois não se vê fazendo outra coisa, mesmo com todos os altos e baixos da engenharia é uma grande paixão para ela.

No começo do seu curso, ela afirma que poderia dizer que teve sorte, já no segundo período conseguiu um estágio, e diz que sinceramente nunca tinha tido contato nenhum anterior a isso com nada de engenharia, pois não vem de família que tem alguém nessa área, ela é a primeira engenheira da família.

Seu primeiro estágio foi em obras e durou cerca de um ano em Belo Horizonte mesmo.

Diz que sempre será muito grata à empresa que estagiou onde aprendeu muito, pois foi onde ela passou um bom período trabalhando em obras, participou de 3 obras.

Ela passou por todas as etapas não necessariamente na mesma obra, mas pôde pegar aprendizado em cada uma delas por ser transferida entre as obras de acordo com a necessidade do engenheiro e conforme as obras iam finalizando.

Assim ela aprendeu não só sobre canteiro, como também sobre qualidade, financeiro, orçamento.

Aprendeu muito com os engenheiros, mestres de obra, pedreiros com todos que se disponibilizaram a ensiná-la, pois no começo ela não sabia.

Teve oportunidade de trabalhar no canteiro de obra tanto na área inicial desde a organização do canteiro, terraplenagem, fundação, até a entrega das chaves.

Conseguiu aprender de tudo um pouco, depois dessa empresa ela foi trabalhar em um escritório de engenharia, fazia visitas esporádicas as obras, mas a maior parte do trabalho era feito no escritório onde ela trabalhava na parte de planejamento e cronograma de obra e fazia

também um pouco de orçamento.

Ela diz que também aprendeu muito apesar de ter sido um período menor, mas que foi importante ter essa vivência de trabalho em escritório.

Considera esse período na universidade muito importante pelo que ela agregou, pois conciliou a teoria com a prática do estágio.

Nas experiências que teve nos estágios não teve a oportunidade de fazer o projeto em si, a experiência foi na parte da construção, planejamento, orçamento, controle.

Se formou e foi encarar o mercado como ela diz “ doidão” de 2017, pois foi um período que o mercado de engenharia estava em uma fase ruim e não tinha muita expectativa de conseguir entrar nele, muitas entrevistas feitas algumas davam retorno outras não.

Começou a surgir a demanda por projeto, quando não, era só a demanda de regularização ou acompanhamento de obra, mas sempre vinha vinculada com o projeto. Queriam o projeto completo desde o começo até o acompanhamento da obra.

Ela não tinha experiência com elaboração do projeto, então teve que se virar para aprender e procurou fazer cursos, teve ajuda do seu esposo que também é engenheiro e que já tinha experiência em projeto, e que deu muitas dicas a ela, mas hoje ela trabalha sozinha e ele em uma empresa.

Nessa área de trabalhar como autônoma, ela empreende e trabalha com projetos, com execução de obra, com regularização, em todos esses ramos de solução em engenharia.

Ela disse que já ouviu muito que as pessoas dizem para largar o medo e ir, a Daiane pensa como eu, e diz que é para ir com medo mesmo, que para ela foi assim.

Acha que temos que encarar com medo mesmo, pois se formos parar para esperar o medo passar e poder enfrentar a situação talvez possa reverter e esse medo crescer.

E se você encarar com medo mesmo, com o tempo esse medo vai saindo, você vai criando confiança e quando vê já está lá na luta do dia a dia, então vai com medo mesmo.

Ela diz que o que a ajudou muito quando terminou a faculdade e se viu nesse mercado sem oportunidade, foi o estudo, ela diz que se pode deixar uma dica importante para as mulheres independente da área é: estude, estude, estude!

Parece clichê, mas o conhecimento é algo que ninguém pode tirar da gente e quando você vai executar seus serviços e você tem o conhecimento daquilo te dá uma certeza e uma confiança bem maior para poder responder e ajudar com conhecimento adquirido, isso é maravilhoso.

O conselho do vai com medo mesmo, mas vai com estudo.

Estude muito, não tente enlouquecer e querer estudar sobre tudo de uma vez, é se dedicar, quando a gente gosta de alguma coisa a gente faz aquilo não todos os dias com a mesma disposição, mas vai lá e faz.

É importante ter a disciplina do estudo, correr atrás para se especializar, se não tem dinheiro para especialização, tentar mestrado em alguma universidade federal, tem disciplinas isoladas, vários cursos online gratuitos, e na internet o que não falta hoje é conteúdo bom e gente boa.

Quando se tem o conhecimento e sabe o que faz se torna bem mais fácil e é algo que ninguém vai poder tirar de você.

Sobre preconceito, principalmente nos canteiros de obra infelizmente ainda existem algumas pessoas que ainda nos olham meio “assim”, a gente percebe um olhar que ela não sabe dizer ao certo, pode dizer como duvidosos, é um olhar de como se a gente não estivesse no nosso habitat natural.

Diz que sinceramente para ela esses olhares não têm importância, pois ela aprendeu a confiar nos seus serviços, no que ela faz e simplesmente ignorar essas pessoas e mostrar com seu trabalho, com a capacidade de executar aquele serviço, que o preconceito daquela pessoa, a primeira impressão, o olhar não tem nada a ver.

E hoje nem se importa mais, e ela diz que acha até engraçado que na maioria das vezes quando ela chega na obra no primeiro contato: ah que legal você é a arquiteta da obra?

Como mensagem final a Daiane deixa:

Vai com medo mesmo e busque conhecimento.

Para saber mais sobre as experiências da Daiane:

Intagram: [@engdaiferreira](https://www.instagram.com/engdaiferreira)

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/daiane-ferreira-31b726104/>

Deilda Oliveira



Publicada em maio de 2020.

Deilda é do interior de Minas, Curral de Dentro, precisou abandonar os estudos muito cedo para trabalhar, mas sempre manteve no fundo o desejo de poder estudar, porém não tinha escolha ou trabalhava ou não tinha nem um calçado para pôr nos pés.

É filha de mãe solteira e tem mais quatro irmãos, não teve o privilégio de poder estudar no período escolar correto, foi para Belo Horizonte aos 16 anos onde mora até hoje e tentou mais uma vez conciliar estudos e trabalho, porém mais uma vez as circunstâncias não permitiram. Casou-se aos 18 anos, parou de estudar por mais 8 anos e um dia resolveu voltar para os estudos.

Quando a perguntei por que ela havia escolhido a engenharia civil, Deilda respondeu: “bem costumo dizer que a engenharia me escolheu, pois não havia outra profissão que me causasse tanta curiosidade e desejo, eu não tive nenhum parente engenheiro em quem pudesse me inspirar, isso foi algo que busquei por vontade própria.”

Depois que retornou aos estudos não parou mais até se formar, foi a primeira da sua família a fazer um curso superior, com muito suor conseguiu se formar nos 5 anos, como nós engenheiros sabemos, isso é um grande feito na área de engenharia.

Deilda teve muitas dificuldades, estudava a noite, trabalhava durante o dia e tinha dois filhos ainda pequenos que precisavam dela, mas ela sabia que estava cuidando do futuro deles.

No quarto período ela parou de trabalhar para se dedicar exclusivamente aos estudos, seus resultados foram muito bons e as notas melhoraram muito.

Preconceito, sim, ele está mais presente do que muitos podem imaginar no nosso dia a dia, a diferença está em como vou lidar com isso, disse Deilda, e eu não me deixo abater,

levanto a cabeça e sigo em busca de me qualificar cada vez mais, os que agem dessa maneira são sempre os que tiveram todos os privilégios possíveis e imagináveis, nunca precisaram se esforçar porque tudo lhe foi dado nas mãos, são dignos de pena.

Ela diz que sua profissão já é uma conquista e segue em busca de conhecimento pois ele é infinito.

“Hoje chego em uma obra e sou respeitada, isso é uma vitória para qualquer profissional”.

Conquistar o respeito como profissional e pessoa significaram muito para ela.

Sua carreira na construção civil se iniciou quando estava na faculdade, começou a participar de grupos de engenharia da sua igreja, que realizam trabalhos voluntários nas construções dos templos e foi assim que ela se identificou com a execução de obra, tentou escritório e até atua na aprovação de projetos, mas ela diz que sua área mesmo é de botina na execução.

É mãe de dois filhos, hoje com 15 e 17 anos de idade, é empreendedora onde tem seus próprios projetos de construção civil e faz parcerias com profissionais e escritórios.

Deilda deixa como mensagem para as futuras engenheiras que irão ler sobre sua história: “nós somos mais que vencedoras, nossa força, nossa garra, já é um diferencial, não abram mão do sonho de vocês nunca por acharem que por serem mulheres não terão capacidade para realizar qualquer coisa que seja, lutem e se superem, a única pessoa capaz de nos impedir somos nós mesmas.

Para saber mais sobre as experiências da Deilda:

Instagram: [@deilda_oliveira](https://www.instagram.com/deilda_oliveira)

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/deilda-oliveira-7989596b/>

Paloma Andrade



Publicada em julho de 2020

Paloma Andrade hoje trabalha como engenheira civil concursada em uma empresa na Bahia.

Paloma foi criada em uma cidade no interior da Bahia com pouco mais de 10 mil habitantes, por ser um lugar pequeno ela diz que não tinha muita perspectiva de crescimento, na época poucas pessoas da cidade tinham nível superior, as que saíam para estudar eram as que tinham condição, das famílias mais ricas, que não era o caso da família dela que não tinha esses recursos financeiros.

Certo dia Paloma viu uma propaganda do ProUni na TV, sempre foi muito curiosa, se lembra que na época não tinha computador em casa e foi fazer a inscrição na casa de uma amiga aproveitei e fez também a do Sisu.

Conseguiu ganhar uma bolsa pelo Sisu 100% em Eunápolis para cursar Matemática e outra bolsa 50% para cursar engenharia civil em Vitória da Conquista.

Apesar do curso de matemática ser gratuito, Eunápolis ficava distante da sua cidade e lá ela não teria onde morar, talvez em uma república. Por causa da distância ela optou por engenharia civil que ficava em Conquista e era mais próximo de onde ela morava.

Porém ainda assim sua cidade ficava a cerca de 2h e meia de viagem de ônibus que nessa época boa parte da estrada ainda nem era asfaltada, e agora? Onde ela iria morar? Sua família não tinha condições de pagar uma moradia para ela.

Sua mãe, sempre uma mulher guerreira e via nela muitos potenciais achou uma solução: você vai morar na casa da sua avó que a cidade fica próximo de Conquista.

Paloma saiu de Caatiba para morar em Barra do Choça.

Para conseguir a bolsa de engenharia civil era necessário entregar muitos documentos, separou tudo conforme a lista no site e partiu para Vitória da Conquista sem nem saber onde ficava a faculdade, pediu informações às pessoas que encontrou pelo caminho.

Para sua surpresa ao entregar os documentos, a lista que tinha no site do prouni não era nem metade dos que a faculdade exigia e muitos desses precisavam ser tirados em órgãos públicos da cidade que ela nem sabia onde ficava, mesmo com seus 20 e poucos anos ela não estava acostumada a andar em cidade grande.

Lá vai Paloma então rodar Conquista à procura desses órgãos para descobrir como tirar esses tantos documentos para conseguir de fato essa bolsa que ela achava que já tinha ganhado.

Ao chegar nesses órgãos descobriu que a maioria das documentações precisavam da assinatura da sua mãe e do seu padrasto, precisou voltar para sua cidade que ficava a 2h e meia de Conquista pegar as assinaturas, autenticar em cartório, levar de novo nesses órgãos, por causa da bolsa era necessário comprovar baixa renda.

Acredito muito que a burocracia é o primeiro teste da persistência, parabéns Paloma por não ter desistido no primeiro obstáculo.

Eram poucos ônibus que faziam o trajeto entre sua cidade e Conquista durante o dia, o último era 15:30 se perdesse ela só poderia voltar no dia seguinte. Foi uma correria grande que lhe rendeu muitas bolhas nos pés, mas com muita força de vontade ela conseguiu entregar todos os documentos. E até escutar da faculdade que estava tudo certo com a documentação seu coração parecia estar na mão. Pronto, a bolsa é sua!

A bolsa só dava direito a 50%, e os outros 50% como conseguiria pagar? Paloma sempre foi muito econômica, nessa época vendia lingerie, prestava alguns serviços em alguns lugares, por conta disso ela tinha um dinheiro guardado, porém ela precisaria deixar esses trabalhos para poder se dedicar a faculdade, além do que todos os seus clientes ficavam na sua cidade.

Sua mãe disse então: o dinheiro que você tem guardado dá para pagar os 50% no começo e o que faltar te ajudo. Paloma sempre colocava dificuldade e sua mãe sabiamente vinha sempre com a solução.

Em Barra do Choça cidade da sua avó e onde ela iria morar a prefeitura pagava metade do valor do transporte de vã para os estudantes, a passagem ficava bem barata. Ela conseguiu vaga em uma dessas vãs que a deixava na faculdade e a noite no retorno a deixava em casa.

Paloma então pensou: se eu ganhei a bolsa de 50%, então posso ganhar a de 100%, não me custa tentar. Após tantos empecilhos colocados pela sua própria mente, ela enfim se abriu para novas tentativas.

Com a nota do enem ela tentou em um outro processo, porém ela não conseguiu a bolsa para engenharia como sua primeira opção, conseguiu a da segunda que foi fisioterapia.

Como já tinha começado o primeiro semestre de engenharia civil ela decidiu continuar mesmo com a bolsa de 50%.

Paloma ainda assim não desistiu, se inscreveu no enem novamente fez outra prova para o prouni e conseguiu sua bolsa 100%.

Se não tivesse conseguido ou ao menos tentado talvez ela não estivesse onde está hoje, pois mesmo com a bolsa de 50% seria muito difícil sua mãe conseguir pagar a outra metade e as economias que ela tinha não eram suficientes para arcar com todos os custos.

Devido a um atraso na chamada dos alunos que entraram através do prouni, Paloma entrou com um mês de diferença dos alunos da sua turma.

Engenharia civil já é difícil e com muitas matérias de cálculo no primeiro semestre, ela se perguntava como iria conseguir recuperar esse mês de atraso.

Pegou os cadernos dos colegas emprestado, tirou xerox e começou então a resolver questão por questão, como ela não assistiu as aulas tinha muitas dúvidas, nos intervalos procurava os professores e nos momentos que estava na faculdade quando não tinha aula ela aproveitava para estudar.

Sempre iriam encontrá-la na biblioteca ou na sala de aula estudando, independente do lugar sempre iriam vê-la estudando, não só no primeiro semestre, mas durante todo o curso.

Mesmo com um mês de atraso, em uma das disciplinas mais difíceis que era de cálculo Paloma conseguiu a nota máxima da sala que ela se lembra até hoje, 8.9!

Isso ela diz ter conseguido por ter resolvido questão por questão, tirava dúvida com os professores, pegava livros na biblioteca sobre o assunto e os indicados nas aulas.

Paloma se dedicou de corpo e alma ao curso, viu muitos alunos desistirem no caminho e no final poucos se formaram da sua turma inicial, ela conseguiu se formar nos 5 anos e com um bom conhecimento da área.

Enquanto era boa aluna, dedicada e com uma vontade enorme de ir para o campo de batalha aplicar seus conhecimentos e aprender mais ainda, praticamente todos os alunos da sua turma já estagiavam e ela não conseguia nenhum estágio.

Por ser de uma cidade pequena do interior onde poucas pessoas tiveram a oportunidade de estudar, sua mãe sempre incentivadora falou com um fazendeiro de Conquista que estava na sua cidade nesse dia sobre sua filha que cursava engenharia e precisava de um estágio se ele não teria algum conhecido que poderia dar uma oportunidade para ela.

Esse fazendeiro era amigo de um dono de uma construtora e perguntou se tinha alguma vaga de estágio para dar oportunidade para uma pessoa da sua terra, então Paloma conseguiu assim sua primeira entrevista de estágio.

Lá ela esperou a manhã inteira e não foi atendida, o dono da empresa falou que já tinha muitos estagiários na obra que já estava em fase final, mas em breve começaria uma nova e quem sabe nessa ela teria uma oportunidade, pois os estagiários que já estavam lá ele não gostava da atitude, faziam muito “corpo mole” e não gostavam de trabalhar.

Ela teria a oportunidade, mas seria observada por 3 meses e a depender do seu trabalho poderia permanecer na empresa ou não.

Paloma aproveitou para enfatizar o quanto queria estagiar, na época estava no sexto semestre, que embora ela não soubesse na prática, tinha um desejo enorme de aprender e que também estaria entregue de corpo e alma para o estágio.

Irei marcar uma entrevista com o engenheiro para vocês conversarem e se ele não gostar de você, infelizmente não terei como te dar uma oportunidade, disse o dono da empresa.

Na entrevista o engenheiro informou que a obra estava em fase final, que os estagiários que estavam a empresa pensava em dispensar, e na nova obra ela teria uma oportunidade, pois agora não tinha como pagar os estagiários atuais e também a ela.

A previsão de começar é em março!

Paloma no outro dia ligou então para o engenheiro e disse: sei que vocês não têm como me pagar agora, mas posso ir trabalhar de graça, pois meu objetivo maior é aprender.

Caso eles aceitassem, ela teria que na verdade pagar para trabalhar, por morar em outra cidade vizinha.

Por conta da legislação a empresa não aceitou ela estagiar dessa forma.

Chegou março, Paloma já estava no sétimo semestre, e foi na empresa em busca do seu estágio.

Esperou um dia inteiro, e nada, foi no segundo dia e nada ainda, no terceiro dia ao verem que ela não desistiria foi então atendida e conseguiu seu tão esperado estágio.

A obra já tinha iniciado, as fundações de uns dois prédios já estavam prontas, seriam

no total 11 prédios.

Ela abraçou aquela oportunidade como se fosse a oportunidade da sua vida, o estágio era de meio período, mas tinha concretagem duas vezes na semana, nesses dias ela só ia embora no final, que geralmente terminava por volta das 20h.

Porém nesse horário já não havia mais ônibus para ele voltar para Barra do Choça, onde ela morava, da obra mesmo suja ela ia direto para a faculdade assistir as aulas e depois voltava para casa.

Paloma se dedicou de corpo e alma, chegou o momento em que ela resolvia as coisas para o engenheiro de campo, pois ele precisava ficar muito no escritório, se tornou seu braço direito no campo.

Desde o começo ela se conectou muito com os encarregados, um deles principalmente que gostava de ensinar, Paloma viu ali uma excelente oportunidade para aprender pois ela ainda não sabia nada em termos de obra.

Perguntava sempre, sem nunca ter medo ou vergonha de fazer perguntas, quando ela não sabia perguntava mesmo. As vezes os pedreiros riam que a engenheira não sabia, mas ela não sabia mesmo pois estava ali para aprender.

Graças a essa sede de aprendizado, de não ter medo de perguntar, de parecer burra ou algo de tipo, toda essa dedicação a fez conseguir até o final da obra receber uma proposta muito boa do dono da empresa.

Quando você se formar irei te contratar, e ele realmente fez isso, porém quando ela se formou o mercado estava ruim e Paloma foi contratada como auxiliar de engenharia, porém exercia função de engenheira, como o mercado não estava bom ela viu ali uma oportunidade de atuar na área e abraçou, enquanto muitos dos seus colegas que se formaram nem se quer tiveram uma chance.

No total ficou 5 anos nessa empresa desde o estágio até quando foi contratada, só saiu de lá pois passou em um concurso público para trabalhar como engenheira civil na embasa que é a empresa baiana de saneamento onde ela trabalha até hoje.

Acredita que deu seu melhor nesses anos nessa empresa e fez um bom trabalho, aprendeu muito e é muito grata, pois foi lá que conseguiu todo aprendizado sobre gestão de obra, liderança, lidar com os encarregados, mestres de obra, pedreiros e todos da equipe.

Paloma deixa como mensagem: “abraçe as oportunidades que você encontrar pelo caminho, não tive a oportunidade de me formar e ser uma engenheira logo de primeira, pelo menos não no papel e nem no salário, mas abracei a chance que tive e dei meu melhor e isso

me rendeu um grande aprendizado. Embora hoje muitos recém-formados as vezes não consigam um trabalho ao sair da faculdade, abrace o que encontrar e estude muito, se dedique, corra atrás, inclusive aprenda com os encarregados, com os mestres de obra, todos têm algo a ensinar.”

Ela diz que o encarregado foi a pessoa que mais a ensinou.

Busque aprender com todos que você encontra na sua vida, dar seu melhor sempre, hoje o seu melhor pode não ser o suficiente, mas se você correr atrás, estudar, se dedicar, você vai conseguir sim desempenhar um bom papel, e no caminho tudo vai fluir, vai melhorar, e vamos no decorrer do tempo se tornar cada vez mais melhores profissionais. Ninguém nasce pronto, ninguém iniciou a carreira já como um profissional exemplar, a gente aprende no caminho e vai implementando.

Para saber mais sobre as experiências da Paloma:

Instagram: [@palomaandrade.eng](https://www.instagram.com/palomaandrade.eng)

Sâmela Santos



Publicada em julho de 2020

Sâmela é de Volta Redonda e trabalha em uma área que nos tempos atuais se tornou mais importante ainda que é a hospitalar. Geralmente quando falamos de hospital lembramos apenas dos profissionais da saúde, tão importante quanto esses, são os profissionais que vieram antes quando não havia nada além de um projeto no papel e trabalharam muito na construção.

Ela sempre gostou e foi muito boa em matemática, começou a fazer a graduação da disciplina e durante o curso uma amiga a questionou por que ela não fazia engenharia civil. Ela pesquisou sobre o curso, enquanto fazia a outra graduação estudou para o vestibular e foi aprovada com bolsa integral.

No sétimo período a Sâmela queria muito estagiar em uma obra grande, na sua cidade nessa época a única em andamento era a construção de um hospital. Se a oportunidade não existe, crie-a, e foi isso que ela fez, bateu na porta da obra como ela mesmo diz: “fui na cara de pau mesmo e pedi para estagiar de graça”, não havia nenhuma vaga aberta para estágio, mas deixaram ela estagiar. Estagiou por seis meses sem remuneração, mas com muito conhecimento adquirido, ia todos os dias antes do seu trabalho na prefeitura de sua cidade, onde era concursada.

Até que um dia abriu uma vaga em uma empresa de equipamentos hospitalares onde ela trabalha até hoje, a Sâmela é responsável por auxiliar as pessoas na instalação dos equipamentos dentro do hospital, desde o projeto até a concepção final. Você já imaginou como aqueles aparelhos enormes como de uma tomografia chegaram lá? A Sâmela faz isso, ela analisa todo o espaço e orienta a equipe onde será instalado cada equipamento do hospital, o tamanho certo da sala, a altura do pé direito, o local do ar-condicionado.

Esse tipo de instalação é extremamente específica e precisa da expertise de um profis-

sional capacitado da área que acompanha desde o auxílio na concepção do projeto até as visitas na obra para conferir por exemplo os pontos de gases.

A partir do estágio ela teve certeza de que era isso que queria, quando abriu um projeto na obra foi como se um novo universo se abrisse.

Sâmela diz que foi a área hospitalar que a escolheu, a oportunidade apareceu e ela só foi.

Para as próximas gerações ela deixa como frase:

Estudem, se esforcem, façam seu nome.

Para saber mais sobre as experiências da Sâmela:

Instagram: [@samelasantos.eng](https://www.instagram.com/samelasantos.eng)

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/s%C3%A2meladossantos/>

Thamires Souza



Publicada em abril de 2020.

Thamires, é engenheira civil do Rio Janeiro.

Sua história com a construção civil começa há 10 anos atrás, com 14 anos ela passou para uma escola técnica federal do Rio onde teve que escolher entre os tantos cursos técnicos oferecidos. O de edificações chamou mais sua atenção e ela resolveu saber um pouco mais, por coincidência ou providência a Thami já tinha uma tia que fazia esse curso e com incentivo dela resolveu então fazer também edificações.

Aprendeu sobre projetos, Autocad, materiais de construção, ela sabia que queria seguir na área, mas tinha que escolher entre engenharia ou arquitetura e antes de bater o martelo fez um estágio na Petrobrás, foi escolhida entre tantos concorrentes. Estagiou durante um ano e depois chegou a ser efetivada, mas o ano era 2014, no boom da crise da Petrobrás e como ela tinha pouco tempo de contratada da empresa terceirizada foi então dispensada.

Thami também é das minhas e acredita que tudo na vida é aprendizado, viu pelo lado bom e refletiu que precisava entrar em uma faculdade.

Escolheu a engenharia civil por ser uma área que a desafia diariamente, que tem que se provar sempre e o desafio se torna uma constante.

Desde sempre ela sabia que só o fato da figura mulher estar em uma obra já era alvo de preconceito, então ela queria provar que era capaz de estar ali.

Quando entrou na faculdade onde 80% eram homens, a Thami começou a se questionar: “porque só tem meia dúzia de mulheres aqui gente?” Assim ela viu a necessidade de inspirar outras mulheres. Desde então mais mulheres entraram no curso, mas mesmo assim algumas ainda desistiram da carreira. Ela não parava de pensar no porque existem tão poucas

mulheres, e cada vez mais vinha a vontade de inspira-las e incentiva-las através da sua própria história, que não foi nada fácil.

Durante a graduação teve três estágios, ela se emociona só de lembrar. A Thami é muito determinada e tem muita fé, pedia sempre a Deus: “senhor, me coloca perto de pessoas que queiram me ajudar”. Em seu primeiro recebia trezentos reais, sem vale transporte, era em uma prefeitura, tentava sempre sugar o máximo de conhecimento, mas não lhe deram tanta oportunidade mesmo ela ciente da sua competência via que ali era um ambiente muito competitivo.

O segundo estágio foi em uma SPE de Furnas e Copel responsável por construir três linhas de transmissão que atravessam os estados de São Paulo e Paraná, passou um ano e meio nessa construção, porém Thami não se sentia feliz lá. Dormia quatro horas por noite, aprendeu muito, tanto que escolheu como tema do TCC as linhas de transmissão. Ficava mais em escritório onde era responsável pelos arquivos, por vontade própria sentia no fundo a vontade de aprender o porquê ela estava ali e daquilo acontecer, e se não tivesse esse “feeling” talvez não teria feito seu TCC.

Seu terceiro estágio, foi tão difícil quanto o anterior, não tinha vida social, também dormia cerca de quatro horas por noite, acordava de madrugada para ir para o centro do Rio estagiar e de lá direto para faculdade onde só saía a noite para voltar para casa. Em algumas vezes ao subir a rua de casa chorava e pedia a Deus por ajuda.

A Thami queria mesmo era entrar para o estágio em Furnas, porém entrar lá não é fácil e o que conta mais é o famoso “Q.I.”, quem indica, e esse “peixe” ela não tinha.

Foi uma verdadeira luta, ficou um ano e meio na tentativa, mas ela não queria ficar no escritório central, queria trabalhar em uma subestação e ver a obra de perto.

Toca aqui Thami, mais uma do time das botinas de subestação!!!!

Certo dia recebeu de uma amiga uma seleção de estágio em Furnas na subestação de Jacarepaguá, nessa época nem sabia que existia essa subestação lá, só da de Adrianópolis, opa, essa eu conheço bem.

Foi fazer então a prova, quando viu a subestação falou: “ eu quero estagiar aqui”. E lá se foi mais uma ano e meio na tentativa, pedia para um, pedia para outro e só recebia promessas.

Um dos diretores sempre via que a Thami era uma das primeiras a chegar no estágio, praticamente abria a empresa, aquilo o incomodou de certa forma que o fez questionar porque ela chegava tão cedo. Se eu não for a primeira, serei a última a chegar porque moro muito longe e dependendo de transporte público, respondeu e continuou a contar toda sua história.

O diretor se comoveu com a história dela, contou também que queria muito entrar para subestação de Jacarepaguá e ele justamente já havia sido um dos gerentes de lá. “Não te prometo nada, mas me passa teu currículo que irei encaminhar, disse o diretor.”

Três meses depois ela foi chamada para entrevista e conseguiu o tão sonhado estágio, no começo do trabalho chegou a duvidar da carreira que escolheu. A equipe que ela era responsável nunca teve alguém no controle que os desse instrução, que os fiscalizasse, que fizesse uma programação e ela como estagiária mudou totalmente o cenário que eles estavam acostumados anteriormente, os fez sair do comodismo habitual e alguns dos colaboradores se sentiram ameaçados pelas mudanças e começaram a retaliar Thami.

Isso a fez a repensar: será que estou no lugar certo? Alguns desligavam o celular, se escondiam, não cumpriam o que ela pedia, afinal ela era apenas uma estagiária.

Sabe a roda gigante? Então! Depois que terminou o estágio a Thami voltou como preposta do contrato, não era ainda como engenheira pois a situação era complicada e ainda não permitia, porém dessa vez não só como uma estagiária. A roda girou, um dos colaboradores ela conseguiu retirar da equipe, e não foi por falta de conversa e de dar oportunidade, uma empresa precisa produzir, chegou a ser chamada a atenção pela falta de produtividade, é nas dificuldades que se destacam os competentes.

Aos poucos mudou a equipe e sua relação com os colaboradores que passaram a ter confiança e respeito pelo seu trabalho como podemos ver no vídeo incrível feito por ela, e conseguiu finalizar o contrato com sucesso.

Para conquistar seu espaço não foi fácil, Thami precisava provar diariamente sua capacidade e integridade, durante toda sua carreira na construção civil desde os tempos da graduação teve experiências ruins que muitas mulheres já devem ter passado, recebeu diversas cantadas só pelo fato de ser mulher e estar ali, ela não correspondeu a nenhuma delas e por isso chegou a receber como “punição” a perda de sua autonomia por certo um tempo, mas Thami é determinada e nunca se deu por vencida, mesmo nas dificuldades sempre continuou com a excelência de ser uma grande profissional que quer construir uma carreira de sucesso.

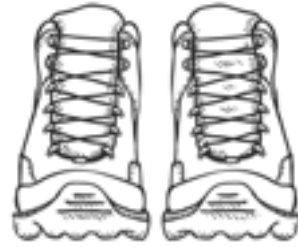
Nós mulheres passamos por muita coisa só pelo fato de ser mulher, diz Thami, e quando falam que é tudo feminismo ou uma forma das mulheres se aparecerem pelo contrário só quem vive sabe que você tem que provar todo santo dia que tem capacidade de estar ali, e ela sentiu isso na pele. Mostrar que não é só um rostinho bonito, que está ali por mérito próprio. Chegou a ouvir que só conseguiu o cargo de preposta porque “dormiu” com um gerente.

Triste ler essa parte em pleno 2020, mas é a realidade, até quando ainda vão duvidar da nossa capacidade?

A Thami, também é #elasdebotina e quer deixar um legado para as outras mulheres, quer que elas saibam que não estão sozinhas, que nós somos humanos e também temos falhas, que não deve existir competição entre nós, pelo contrário que devemos nos ajudar, o caminho não é fácil, o caminho é difícil, mas mesmo difícil a gente é capaz de conseguir sendo integra e respeitada. Quer olhar para trás e ver que chegou no sucesso com honestidade e garra, que seu caminho levou inspiração para muitas mulheres.

Para saber mais sobre as experiências da Thamires:

Instagram: [@thamisoudel](https://www.instagram.com/thamisoudel)



Capítulo 2

Engenheiras Eletricistas

“Sempre fiz algo que eu achava que estava pouco preparada para fazer. Quando você tem um momento de incerteza, mas persiste, é aí que você consegue avançar.”

(Marissa Mayer)

Camila Maciel



Publicada em outubro de 2019.

Me chamo Camila Maciel, sou engenheira eletricista, escritora, contadora de história e criadora do projeto elas de botina.

Trabalho com construção de subestações pelo Brasil, nesses anos de estrada já trabalhei em 9 estados do Brasil e ainda somos poucas mulheres nessa área ainda predominantemente masculina! No projeto atual que participo no pico da obra foram 800 pessoas onde eu era a única engenheira. Dia desses me veio uma questão de sermos poucas por falta de oportunidade ou por opção própria das mulheres em não seguir nessas áreas predominantemente masculinas? E assim tive a ideia de criar o @elasdebotina para mostrar que podemos sim trabalhar nessas áreas com exemplos reais de mulheres que fazem e vivem isso.

Sou baiana, com coração paraibano, a primeira engenheira eletricista de todas as gerações da minha família. Me formei na Universidade Federal de Campina Grande, foi a primeira vez que sai do estado da Bahia, pretendia seguir carreira acadêmica e emendei o mestrado logo em seguida, cheguei até a qualificar, mas no meio do caminho graças a minha primeira mentora de carreira, minha amada mãe que conta da filha engenheira para todos do bairro, um engenheiro antigo ex-aluno de muitos anos da UFCG soube de mim, entrou em contato comigo e me ofereceu uma oportunidade de ser a engenheira responsável pela montagem de um Bipolo HVDC em Rondônia bem lá no meio da floresta Amazônica. Eu fiz o que??Me lembrei na hora da época da graduação que dizia que se recebesse uma proposta boa para ir trabalhar no meio da Amazônia eu iria na hora!!!E adivinhem qual foi o tema do meu TCC? HVDC!!O universo mandou no meu colo essa chance e eu agarrei com toda força da minha alma e fui sozinha!!!Rondônia é tão longe que fica em outro fuso horário. Nunca tinha trabalhado em nada antes na minha vida e peguei de primeira a responsabilidade de montar um bipolo gigante!!Frio na barriga, respira, força na peruca e vai com medo mesmo!!!Pouco mais de 120 homens sobre minha responsabilidade...

Encarei de primeira logo uma obra gigante, meu chefe passou uma semana comigo, explicou um básico e eu me virei depois! Tinha recém saído da universidade com energia de sobra, nunca tinha trabalhado na vida! Primeira vez que pisei em uma obra já com essa imensa responsabilidade de liderar mais de cem homens.

Me disseram depois que eu tinha cara de estagiária e acharam que eu não iria durar muito, afinal já tinha passado três engenheiros por lá que não deram conta da obra. Tive a humildade, que infelizmente falta em muitos engenheiros que acham que saem da faculdade sabendo tudo, de chegar e admitir que ainda estava aprendendo e muitas coisas eu não sabia.

Ganhei a confiança e o respeito dos encarregados e de toda equipe que tiveram a maior paciência de me ensinar muito do que sei hoje. Sou da filosofia que se cobro algo bem feito da minha equipe preciso saber fazer, e eu fiz! Aprendi de tudo metendo a mão na massa de verdade, a lançar cabo, decapar, preparar, pentear, prensar terminal, entrar em caixa para guiar cabo, fazer mufla...foi onde perdi meu medo de falar inglês, e descobri que realmente sabia falar, afinal ou eu falava ou não fazia a obra, pois todos os equipamentos eram de uma fabricante Sueca e nenhum dos engenheiros suecos falava português!

Dá teus pulos Maciel! Meio da Amazônia neh, até cobra aparecia no meio do pátio! Porto Velho foi minha escola, lá descobri a força que tenho e que poderia enfrentar qualquer desafio. Esse foi meu primeiro Bipolo HVDC, no Brasil temos somente 3 projetos desse tipo, são estes: Itaipu, Madeira que é esse de Porto Velho e alguns anos depois veio onde estou hoje no meu segundo que é o Bipolo do projeto Belo Monte UHVDC.

Tomei gosto por obra, no “trecho” a gente diz que se você sobreviver aos primeiros 3 meses já era, é viciante e vai ser difícil de largar!! Abri minhas asas e fui rodar o Brasil...

Depois de encarar um desafio grande como o Bipolo, as obras logo em seguida ficaram simples, o que vinha de desafio eu encarava. De Porto Velho fui para o calor do Piauí fiz um bay de banco de reatores, obra acabou, meu chefe: tem coragem de encarar uma obra do começo desde a civil? Me dê um encarregado bom e uma equipe boa que eu desenrolo. E fui do calor de São João do Piauí, para o frio absurdo do Rio Grande do Sul.

Agradeço muito à primeira empresa que trabalhei, e acredito que todos deveriam começar em empresas pequenas, é ali que você aprende a otimizar recursos, trabalhar no limite do orçamento e fazer mil coisas como única engenheira residente responsável pela obra. Sei fazer admissão, demissão, cuidar de controle de refeição, segurança, medição, desde toda parte administrativa, absolutamente tudo em uma construção de subestação do começo ao fim. Trabalhava por três, e não me arrependo, aprendi muito.

Encarei com a cara e a coragem, o projeto civil já vem pronto para execução, mas a grande questão é que na maioria absoluta das vezes os projetistas não vão ao local da obra

e quem vai executar que dê seus pulos para fazer o que está no papel. Nessa obra, na minha primeira fundação, simplesmente abriu uma cratera do tamanho do mundo por causa de um lençol freático, pense no desespero, respira e resolve!!!!Rebaixa o lençol e tá tudo certo.

No Sul fiquei quase 1 ano e meio, e fiz duas subestações, relembrei como fazer uma mufla, e se é para lançar fibra a gente lança também...

Sabe aquelas coisas que a gente acha que só acontecem em filme? No RS recebi a proposta para trabalhar em uma empresa multinacional espanhola, a mesma que prestamos serviço no Bipolo em Porto Velho.

Seria coordenadora de subestações e responsável por 3 ampliações em 3 estados diferentes do Nordeste. Entrei com a promessa que iriam aumentar meu salário que para esse nível do cargo o mercado pagava mais, queria turbinar meu currículo e sentia confiança em assumir esse cargo pois já estava com mais de 3 anos de obras pelo Brasil.

Até sair a licença ambiental morei alguns meses no Rio de Janeiro em um apê lindíssimo em um condomínio chiquérrimo na Barra da Tijuca com tudo pago pela empresa, sério isso? Nem em meus melhores sonhos iria imaginar isso. Usava até terninho e salto alto para trabalhar na sede que ficava em frente a praia do Pepê.

Quando saiu a licença mudei para o Ceará, mas rodava entre os 3 estados, os outros dois eram Pernambuco e Piauí, rodava tanto que até motorista eu tinha. Nessa empresa fui selecionada entre 33 engenheiros da América para fazer um curso de diretores de Projetos, a primeira etapa foi no Chile, onde visitamos uma construção de uma termosolar no meio do deserto do Atacama.

As obras estavam a todo vapor, formei uma equipe excelente, conseguimos fazer o primeiro eletrocentro das subestações dessa empresa aqui no Brasil, até que um dia pouco antes de concretar a primeira base de Reator recebemos a notícia que o pessoal do escritório do Rio foi todo demitido, e começou a chegar sobre as demissões nos outros países. A empresa faliu! 7500km de Linhas e 34 subestações em andamento aqui no Brasil, quase 5 mil funcionários e mais um monte dos outros países todos demitidos da noite para o dia. Coisa de filme! E agora?

Sim, eu sou do tamanho de um chumbador. Meses antes outra empresa também multinacional espanhola que eu havia prestado serviço no RS quando era da empreiteira me fez uma proposta para uma vaga na Bahia, porém como eu estava muito bem no meu atual trabalho agradei e recusei, nunca imaginaria que meses depois estaria no olho da rua.

Entre em contato novamente com a empresa, informei que estava na pista disponível, se ainda tinham interesse em contratar, para minha sorte a vaga ainda não havia sido preen-

chida.

Dessa vez fiz diferente, já tinha anos de experiência de obras no trecho, criei coragem, bati na mesa e ditei meu salário, afinal o mercado já pagava isso para engenheiro de obra com meu nível de expertise, não aceitaria menos que isso.

Deu certo!

Fui contratada com o salário que eu queria e para onde? BAHIA!!!Minha Bahia voltei! A obra ficava em Juazeiro, essa mesmo da música eu gosto de Juazeiro e adoro Petrolina, cheguei a morar em Petrolina e atravessava a ponte ai que alegria todos os dias para ir trabalhar em Juazeiro que ficava a 120km da cidade de mainha.

Estava tudo indo lindo e maravilhoso, comprei meu primeiro carro para nos finais de semana ir visitar mainha, perdi o medo de dirigir, porque não basta ter o carro neh, tinha que tirar ele da garagem, foram alguns meses até perder o medo, mas depois não parei mais de rodar.

Até que um dia o diretor que havia me contratado foi demitido e o outro que entrou no lugar tocou o terror para que a equipe pedisse demissão e ele colocasse os “peixes” dele. A obra em Juazeiro acabou e fui ser chefe de obra em Sapeaçu, ainda na Bahia, porém mais distante de mainha só que pertinho da cidade da minha avó paterna e de tias e primas.

Minhas folgas que tinha direito quando fui contratada simplesmente deixaram de existir, passei a quase não conseguir ir ver mainha. Essa cidade me trouxe algo de maravilhoso, foi lá que conheci o amor da minha vida que estamos juntos até hoje.

O trabalho estava cada dia mais puxado, finais de semana afinco sem descanso, estava quase esgotando minhas energias, o stress era tanto que já não tinha mais o prazer que sentia em ir trabalhar, estava cansada.

O brilho nos olhos de finalizar mais uma subestação deu lugar aos olhos cansados, já não fazia mais sentido, e eu só queria terminar logo.

A vida não é só trabalhar e pagar as contas! Finalizei a subestação e pedi minha folga, precisava respirar já estava a quase dois anos sem férias e a 8 meses sem folga. Me negaram!

Cansei, escrevi minha carta de demissão e fui embora...

Minha carreira sempre foi minha prioridade desde quando decidi fazer engenharia elétrica, minha vida girava em torno disso.

Todas as decisões que tive foram pensando o que era melhor para mim profissionalmente e deixei a parte pessoal sempre em segundo plano.

Minha carteira de trabalho me definia. E agora sem um trabalho o que sobrou de mim? O que eu sou além da engenheira eletricista?

Sempre sonhei em fazer um ano sabático e dar a volta ao mundo, acho que enfim havia chegado o momento. Precisava respirar e me redescobrir, deixei as botinas guardadas e fui para praia com meu amor, sentir a areia nos pés e o mar revigorar minha alma, meditei e olhei para dentro.

É meio doido esse negócio da gente se definir pela profissão, oi eu sou Camila Maciel e eu não sou mais engenheira. E você é o que? Eu sou aspirante a escritora, cozinheira por amor, fotografa de pôr do sol, colecionadora de suspiros, mochileira de coração, aventureira de alma e apaixonada pelo Brasil...

Da praia fomos para um dos lugares que mais amo nesse Brasil e que me faz muito bem, para Chapada Diamantina, pouco antes de entrar em uma expedição de horas dentro de uma gruta recebi a mensagem de uma mineração que havia entrado em contato comigo para participar de uma seleção para fazer uma entrevista com o gerente.

Confirmei presença e no outro dia segui rumo a Pilar. Essa mineração é super tradicional na Bahia e especialmente na minha cidade natal, onde eu cresci vendo os trens que carregavam seus minérios.

Trabalhar lá era motivo de orgulho para os Bonfinenses. Recebi pelo linkedin uma proposta para ser responsável pela parte elétrica de toda uma nova mina próximo a Juazeiro bem pertinho da minha cidade.

Essa seria a entrevista final com o gerente, fui lá e ainda entrei na mina que já existia. Alguns dias depois dessa entrevista recebi o retorno de outro processo seletivo que havia participado meses antes e já havia perdido esperança. Era a empresa dos meus sonhos, o projeto para marcar e fazer história na minha carreira, que também fui convidada para participar da seleção através do linkedin.

Aprovada duplamente!

Maior empresa do mundo de transmissão de energia, ser responsável pela análise e execução técnica de toda parte elétrica e eletromecânica do Bipolo 800kVcc da maior linha de transmissão do mundo em UHVDC parte do projeto Belo Monte.

Com um porém era no Pará, em Altamira, cuja pesquisa no Google não diz ser uma das melhores cidades, pelo contrário, assusta por mostrar ser uma das mais violentas do Brasil. E agora?

Sabático, morar perto da minha família na Bahia, ou voltar para o trecho para uma

megaobra que marcaria a história do sistema elétrico brasileiro? Essa vida é uma caixinha de surpresas.

O Sabático ia ter que esperar, acredito que nada na vida é por acaso, uma oportunidade dessas não é todo dia que bate na minha porta.

Estava mais consciente que só minha profissão não me definia, eu era bem mais que somente um cargo, mas era uma parte de mim, sentia no fundo que era importante dar minha contribuição para algo tão grandioso para o sistema elétrico brasileiro cuja energia transmitida iria beneficiar 22 milhões de pessoas.

A máquina precisa girar, e são pessoas que a tiram do papel e a tornam realidade. No Brasil existem apenas 3 projetos em corrente contínua: Itaipu, Madeira e Belo Monte. Poucos engenheiros eletricitas brasileiros tiveram a oportunidade de trabalhar neles e eu iria trabalhar no meu segundo. Em Xingu no Bipolo II UHVDC de 4000MW da maior linha de transmissão em 800kVcc do mundo, parte do projeto Belo Monte teve engenheira sim! Em agosto do ano passado foi o teste final e a entrega para operação comercial da XRTE com 100 dias de antecipação marco histórico do sistema elétrico brasileiro, na foto registrada estou atrás da bandeira do Brasil e mais 51 homens estavam nessa noite! No pico da obra chegamos a 800 pessoas, de mulheres somente eu de engenheira, as três moças da limpeza e uma eletricitista! Não vai ser fácil, mas não é impossível, com força e garra conseguimos conquistar cada vez mais nosso espaço! Ainda somos poucas, mas juntas podemos ir além e ser bem mais! Acredito que com exemplos reais podemos atingir cada vez mais mulheres e fazê-las acreditar sempre em seus potenciais e que lugar de mulher é onde ela quiser.

Para saber mais sobre minhas experiências:

Instagram: [@milamaci9](#) [@elasdebotina](#) LinkedIn: [Perfil](#)

Emanuele Reis



Publicada em fevereiro de 2021.

Sou Emanuele Cristina Porto Reis, natural de Pará de Minas, MG. Trabalho na área elétrica há 8 anos.

Sempre gostei muito de entender o funcionamento das coisas. Pesquisava o funcionamento de tudo. Meu gatilho inicial na elétrica, foram dois: o primeiro foi a televisão, eu perguntava para todo mundo, como funcionava, principalmente quando desligávamos, como era possível?

E o segundo, foi a lâmpada. Ficava horas deitada olhando para a lâmpada da sala, tentando entender como era possível acionar um interruptor e a lâmpada acender. Esse simples ato me deixava fascinada.

Aos 17 anos, último ano do ensino médio, já estava decidida a cursar engenharia elétrica.

Já no início do ano, me matriculei em um curso pré-vestibular, eu estudava dia e noite, todos os dias. Sendo que neste ano, as principais faculdades tinham aderido ao Enem como primeira etapa para o vestibular. A prova do Enem foi roubada e muitas inscrições não foram confirmadas. E a minha estava entre elas.

Quando não recebi a carta de confirmação, fiquei indignada. Fiquei uma semana sem ir a escola, de raiva.

Porém, tive duas amigas que me ajudaram muito. Uma delas fazia curso no Senai e a outra cursava técnico em uma escola particular da minha cidade.

A Tamires me indicou o curso de eletricidade predial, com duração de seis meses, me incentivou e disse que seria bom eu ter uma base antes de ingressar na faculdade. A Letícia disse o mesmo, porém o curso técnico em Eletrônica tinha duração de dois anos.

Passado a raiva, de cabeça fria, pensei bastante e fiz a prova para os dois; pensei se não passar no vestibular de primeira, continuo o curso de eletrônica.

Hoje vejo o quanto foi importante na minha carreira profissional fazer esses cursos iniciais. Finalizado o curso de eletricidade predial, no Senai, gostei tanto que me inscrevi para o curso de eletricidade industrial, que tinha duração de um ano. E decidi continuar o de eletrônica também.

Eu estudava pela manhã no Senai e a noite cursava técnico em eletrônica.

Nesse período de estudos ouvi muito: “mas isso é para homem.” Inclusive de familiares e pessoas muito próximas a mim. No início tive medo e ficava muito chateada. Na minha turma de eletrônica havia apenas três mulheres, já na minha turma do Senai, no curso de eletricidade predial, era composta por mais mulheres do que homens. E isso me ajudou bastante. Já no curso de eletricidade industrial, eram apenas quatro mulheres.

Sempre tive o incentivo da minha avó e do meu pai, sempre que algo me abalava eles me empurravam para frente e me faziam ver a situação por uma perspectiva diferente.

Finalizando o curso no Senai, faltava apenas um semestre para finalizar o curso de eletrônica e estava na hora do estágio. E foi um custo, muito difícil conseguir uma oportunidade. Entreguei currículo na cidade toda e nada!

Até que conversei com um rapaz que também fazia o curso na minha sala, e ele se dispôs a entregar um currículo meu para um amigo dele, que tinha uma empresa de enrolamento de motores elétricos, montagem e manutenção de painéis elétricos.

Eles me chamaram para a entrevista e anos depois descobri que um dos sócios (a empresa era composta por dois sócios) havia dito para o outro que não precisava me contratar, pois, eu não daria conta do serviço. Porém, o outro quis me dar a oportunidade e me chamaram para fazer um teste.

Resultado, em seis meses eu já dominava todo o serviço, e sabia mais do que alguns funcionários que estavam lá há anos, inclusive passei a ensinar a algum deles.

Finalizado o curso de eletrônica, esperei um semestre para começar a faculdade. Pois, na faculdade da minha cidade, não tem curso de engenharia e em uma cidade próxima, Itaúna iria abrir o curso de Engenharia Elétrica.

Porém, passados seis meses, a faculdade não conseguiu fechar turma. Então, prestei

vestibular em Divinópolis, um pouco mais longe, mas havia o curso de que eu queria tanto fazer. Após, ter começado a trabalhar e estudar eletricidade industrial, me apaixonei pela automação e resolvi fazer Engenharia de Controle e Automação.

Em 2018, a empresa onde trabalhei durante seis anos, que era composta por dois sócios, encerraram a sociedade, e cada um seguiu com sua própria empresa.

Eu continuei com um deles por mais um ano e meio, e conclui minha faculdade.

Concluída a faculdade não estava mais satisfeita em trabalhar apenas com enrolamento de motores elétricos. Gosto de automação, ver coisas em funcionamento.

No início da pandemia em 2020, pedi para me mandar embora e abri meu próprio negócio, com foco principal em automação industrial e manutenção elétrica industrial.

Quando iniciei na área, sofri bastante. Já teve situações de clientes falarem que não queria que eu fizesse o serviço. Meus antigos patrões, sempre me apoiaram e com clientes assim, eles diziam: “pode levar para outro, então. Ela é a funcionária mais qualificada que temos aqui.” Eles perderam alguns clientes, mas nunca deixaram de me apoiar. E para mim, fez toda diferença. Por mais que eu ficasse triste, sabia que meu trabalho tinha valor e que eu era reconhecida.

Algumas vezes, em obras logo ouvia: “-cadê o eletricitista?” Eu respondia: “-sou eu.” E de repente o ar ficava pesado, todos se entreolhavam, como se eu não fosse capaz de realizar o trabalho.

Mas aprendi com meus amigos de profissão, que a única maneira de sobressair, é realizar o trabalho bem feito. E é a mais pura verdade. Vejo nos olhos deles, quando duvidam da nossa capacidade, pelo simples fato de sermos mulher, quando o trabalho é finalizado, a maioria fica de boca aberta, não comentam na minha presença, mas percebo que se perguntam: “como ela conseguiu?” Dedicação e gosto é minha resposta.

Para saber mais sobre as experiências da Emanuele:

Instagram: [@emanuele_reis](#) [@motoresautomacao.reis](#)

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/emanuele-reis-034169117/>

Giulia Ferri



Publicada em março de 2021.

Giulia é engenheira eletricista e considera importante contar estas histórias. Se tivesse visto uma mulher na posição que está hoje quando ela era mais nova, acharia que seria uma possibilidade de carreira. Nunca imaginou trabalhar em uma indústria porque não tinha contato e nem tinha visto nenhuma mulher em cargo de liderança nesse setor, nunca pensou que poderia acontecer com ela e por isso quando entrou na faculdade seu planejamento era dar aula.

Ela é do interior de São Paulo, de Agudos. Na cidade vizinha em Bauru tem o CTI, o colégio técnico industrial da UNESP, onde tem o ensino médio integrado com o técnico, um dos melhores entre todos do estado de São Paulo. Giulia sempre foi muito estudiosa, mas sua família não tinha condição financeira de pagar uma escola particular, então ela sabia que o CTI era sua oportunidade de estudar em uma boa escola.

Como ela precisou escolher um dos cursos técnicos, por eliminação optou pelo técnico em eletrônica, não imaginou que fosse gostar. No primeiro ano eles fizeram uma visita técnica em uma usina hidrelétrica e foi amor à primeira vista. Que sonho trabalhar com geração de energia! Giulia gostava muito das disciplinas, tinha muita facilidade com o conteúdo e decidiu seguir esse caminho. Ao terminar o curso técnico optou por fazer engenharia elétrica.

Porém não imaginava que teria oportunidade de trabalhar na indústria, seria um sonho, mas achava que iria acabar por seguir o caminho do ensino.

Durante a faculdade, ela sempre se dedicada ao máximo. Foi selecionada para um programa chamado Jovens Talentos que permitiu a ela fazer iniciação científica ganhando bolsa logo no primeiro semestre. Também fez intercâmbio nos Estados Unidos pelo Ciências sem

fronteiras, estudou na Purdue University e fez pesquisa na Wayne State University.

Quando chegou do intercâmbio, começou a procurar estágio e entrou um pouco em desespero por achar que não conseguiria nenhum. Devido ao medo de não conseguir estagiar, ela se candidatava em todas as vagas que aparecia sem nem olhar qual era o tipo de empresa.

Ela foi selecionada para uma entrevista na Tereos, usina de cana-de-açúcar que produz o açúcar Guarani. Quando viu que era usina ela não queria nem fazer a entrevista, pensou: já é difícil ser mulher na indústria, em usina deve ter um preconceito maior ainda.

“Achei que não iria dar certo e não seria bem recebida.”

Giulia não queria, mas seu pai a incentivou a ir à entrevista, pois pelo menos seria um treinamento para o futuro dela. Quando ela chegou, foi uma dinâmica de grupo e tinha um pessoal bem bacana que os recebeu. A Tereos tem um ótimo time de desenvolvimento humano, disse Giulia.

Ela foi selecionada para uma vaga e resolveu tentar, mesmo com muito medo, pois não fazia idéia de como seria trabalhar em uma usina. Estagiou na unidade Mandu, no setor de manutenção elétrica.

No começo tinha medo de andar sozinha na usina, só andava acompanhada e sempre olhava ao redor com receio de alguém fazer algo com ela. Tinha medo de falar, de se impor. Passou por algumas situações quando ia dar sua opinião de escutar que ela não sabia do assunto, quando era ela a que mais sabia por tratar diretamente do assunto.

Não se arrepende de nada no estágio, diz que foi muito bom e produtivo, acrescentando bastante em seu desenvolvimento e crescimento profissional. Quando acabou o período de estágio não tinha vaga e foi desligada, mas com ajuda do setor de recrutamento, enviou currículo para as outras unidades do grupo.

Ficou quatro meses parada até a chamarem para unidade Vertente em Guaraci para uma vaga de engenheiro industrial Júnior para trabalhar no setor de utilidades (geração de vapor, tratamento de água, geração de energia e tratamento de efluentes). Também não imaginava que daria certo ao ser chamada para entrevista, mas pouco tempo depois recebeu o retorno que foi aprovada.

No seu segundo dia o gerente conversou com ela para ter certo cuidado, pois em seu setor nunca havia trabalhado nenhuma mulher antes e que o pessoal não estava acostumado, que ele iria dar todo o apoio que ela precisasse e que gostava muito da ideia de ter mais mulheres na empresa.

Ficou um ano e meio como engenheira e ano passado foi promovida a supervisora de

utilidades, já faz seis meses que está nesse cargo.

Giulia disse que nessa usina nunca sofreu nenhum preconceito, nunca teve suas ideias e sua visão desmerecida, nunca sentiu que estava no lugar errado.

Depois que entrou soube que algumas pessoas não queriam que ela fosse contratada por achar que uma mulher não daria conta deste cargo, mas estas pessoas já não estão mais na empresa.

“A gente percebe que as pessoas que não se adéquam aos novos valores já não cabem mais aqui dentro.”

Giulia tem uma equipe de 21 homens, que a tratam muito bem e com carinho a chamam de mãe, se preocupam muito com ela.

Ela é sempre elogiada nos feedbacks que recebe pela sua facilidade de conquistar autoridade com as pessoas.

“Me orgulho muito da função que tenho e acho importante divulgarmos nossas histórias, pois se na minha adolescência eu tivesse contato com uma mulher em função de liderança, teria achado que isso seria uma possibilidade e teria me preparado para isso.”

“Minha vida foi uma feliz série de acasos que deu certo para eu chegar até aqui, não foi algo planejado e caso tivesse feito um planejamento poderia ter me preparado melhor para essa posição que estou hoje.”

Giulia é a primeira supervisora mulher na Usina Vertente que ela trabalha e a primeira supervisora de utilidades do grupo Tereos.

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/giulia-%C3%A2ndrea-ferri-68b992115/>

Juliana Arteiro



Publicada em março de 2021.

Oi meninas! Me chamo Juliana Arteiro e tenho 29 anos.

Meu relacionamento com a área técnica começou bem antes do que eu poderia imaginar! Meu pai é um grande nome da elétrica naval não só no Brasil, como em vários lugares do mundo por onde já passou construindo e comissionando suas grandes paixões: navios e plataformas.

Minha história começou quando eu tinha 16 anos e direcionada por ele, iniciei o curso técnico em Instrumentação Industrial.

Na minha turma só tinha eu menor de idade, a maioria do pessoal já eram trabalhadores do estaleiro BrasFels e das Usinas Nucleares (sou de Angra dos Reis) e pasmem, quando eu comecei não sabia nem o que era amperagem (kkkkkk)...

Como sempre fui curiosa e gostava de estudar, agarrei a oportunidade e comecei o curso técnico, junto com o 2º grau e o cursinho de pré-vestibular. Sem ter a mínima noção ainda do que iria escolher para o curso de graduação, foi no curso técnico que tive minha diretriz. Sem titubear, escolhi fazer Engenharia Elétrica aos 16 anos.

Terminei o curso, fiz meu estágio em Angra 2, só que na minha cidade não tinha faculdade com cursos de engenharia, então eu tive que mudar para o Rio. Como nem tudo são flores, eu não podia financeiramente só estudar; para mudar de cidade e iniciar a graduação, o combinado com o meu pai foi que ele pagaria a faculdade e eu trabalharia para conseguir me manter em outra cidade. E assim o fiz!

Comecei minha carreira há exatos 10 anos atrás no projeto da Plataforma P-58 e P-63, trabalhando no projeto de detalhamento da Instrumentação Industrial. Foram muitos desafios, eu era muito nova e inexperiente tecnicamente, tive que me esforçar e continuar estudando

MUITO para ter capacitação técnica suficiente para aplicar no dia a dia do trabalho.

Fui evoluindo e tocando o trabalho com a faculdade à noite. Dormia 4h por noite, tentando dar conta de tudo.

Concluído esse trabalho participei de diversos outros projetos e comissionamentos ao longo dos anos, sendo 3 plataformas e 3 navios.

Sempre conciliando trabalho com estudo. Quantas vezes já tive que escolher entre assistir às aulas ou fazer hora extra para conseguir uma renda maior no final do mês, afinal eu morava sozinha e precisava me manter!

Quantos finais de semana eu tinha que continuar acordando cedo para estudar, por que eu saía de casa todo dia às 05h e só retornava às 23:30h e não “tinha tempo” dia de semana... Isso quando não tinha que trabalhar aos sábados.

Até que em 2017 naquela crise louca do Brasil meu pai veio da China desempregado e meu mundo caiu: Eu teria que trancar a faculdade faltando 1 ano e meio para me formar. E quem mora sozinha sabe bem que, ou você mora e come, ou paga faculdade (sad but true).

Não tive outra escolha, tranquei. Me vi em um beco sem saída total. Eu não conseguia o FIES de jeito nenhum e logicamente não conseguia pagar a faculdade, eram cerca de 2k por mês.

Como eu sou uma pessoa que costuma ver o copo SEMPRE cheio... Parei de me lamentar e me dediquei mais ainda ao trabalho.

Essa época eu tinha acabado de entrar para a equipe de Manutenção do Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro – Galeão e quebrando mais um tabu, eu era a única técnica mulher do contrato (eram 120 profissionais).

Fiz a implantação de todo contrato de manutenção e fui responsável técnica por 3 segmentos de manutenção elétrica e suas respectivas equipes, sendo elas Tensão Segura, Gerenciamento de Energia e Novas Instalações, com um total de 10 profissionais sob a minha responsabilidade. Não tinha dia, não tinha hora, dia vira madrugada quando se fala de manutenção de média tensão de um aeroporto que não pode parar.

Passaram-se 2 anos com a faculdade trancada, até que recebi uma oportunidade de trabalho nas Ilhas de Regaseificação de Gás GLP da Transpetro na Baía de Guanabara (eu já tinha trabalhado lá nos anos de 2015 e 2016), só que tinha um grande impasse: Para chegar lá, eram 62km pra ir e 62 km pra voltar da minha casa em Niterói e detalhe: era embarque diário das 06:20h às 18h.

Embarcava e desembarcava toodos os dias, com sol, chuva, mar agitado..., mas vi

ali a grande oportunidade financeiramente falando de retornar pra faculdade e concluir a graduação, e foi o que eu fiz!

Paguei a dívida de 11k que tinha acumulado parcelado no cartão de crédito (quem nunca! Kkkk) e voltei.

QUE ALÍVIO, senti!

Olha, mas vou dizer que não foi fácil. Essa época eu não existi.

Até que finalmente eu consegui com MUITO suor terminar a minha graduação em Engenharia Elétrica, depois de 8 anos no total sendo 2 anos trancada. Sim, eu fiz em 6 anos e sim, me orgulho disso também!

Eu poderia ficar aqui horas e horas contando pra vocês como eu chorei por várias vezes, como eu por diversas vezes pensei em desistir, como me senti incapaz e cansada em diversas ocasiões, como foi difícil dormir 3h por noite durante muitos anos..., mas isso tudo foi parte do processo que eu passei que me fizeram ser quem eu sou hoje. Se hoje eu comemoro, foi porque eu pude suportar tudo isso.

E sim, também tive muitos problemas por ser mulher em uma área totalmente masculina como é a área de instrumentação principalmente, que é minha primeira profissão, mas nada disso nunca me abalou nem desmotivou, pelo contrário, cada vez que eu evoluía e vejo até hoje minhas evoluções, só percebo o quão longe eu ainda posso ir sempre visando o meu crescimento, sem me importar ou me preocupar com o que falam, por que a técnica profissional vai além de qualquer outro atributo que queiram me colocar.

Aceitem o processo, nele existem perdas, dores, superações, persistência e disciplina.

Hoje sou engenheira eletricista, técnica de instrumentação industrial e estou comemorando esse ano 10 anos de uma carreira vasta de conhecimentos, passei por áreas importantíssimas como a área naval, depois conheci o outro lado da moeda que é a manutenção e quando olho para traz vejo o quanto evolui, o quanto tudo o que eu passei agregou positivamente na minha vida por mais que naquela época eu tenha achado que era ruim!

Nem tudo são flores, mas nunca deixem de acreditar em vocês, trabalhe duro e acredite!

Para saber mais sobre as experiências da Juliana:

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/juliana-arteiro-magalh%C3%A3es-de-moraes-aa86b0b6/>

Mariani Souza



Publicada em junho de 2020.

Mariani é engenheira eletricista e técnica eletrotécnica de São Sebastião da Amoreira no Paraná e atualmente mora em Assaí.

Quando criança lembro de passar algumas tardes na casa da minha vó admirando os equipamentos do meu avô, eletricista, ficava imaginando para que servia aquilo tudo, conforme fui crescendo e observando o serviço do meu avô, fui conhecendo um pouco mais da área e comecei a achar tudo muito fascinante.

No ano de 2007, estava eu na 8ª série do ensino fundamental, meu pai olha pra mim e me diz a seguinte frase: filha, eu e sua mãe queremos que você faça um ensino médio técnico no CEFET (hoje UTFPR), pois não podemos pagar um colégio particular para você cursar o ensino médio, lá você terá uma boa formação, pense nisso.

Seguindo o conselho do meu pai, decidi que iria tentar o vestibulinho para o curso médio-técnico, tinha duas opções: técnico em mecânica e técnico em eletrotécnica. Não tive dúvidas, marquei logo a opção em eletrotécnica. Nesta época, eu cuidava do meu irmão, bebê de 7 meses e das tarefas da casa, para meus pais poderem trabalhar.

Após decidir que iria tentar uma vaga no curso médio-técnico, fui atrás de um material para poder estudar para prova, e comecei a me preparar, sempre andava com minhas apostilas no carrinho do meu irmão, para poder cuidar dele e estudar.

Fiz a prova, fui aprovada e comecei então o curso técnico. Eu estava com 14 anos quando comecei meu curso médio-técnico, era em outra cidade, então acordava 5:30 para poder pegar o transporte e ir para meu curso. Desde a minha primeira aula de Eletricidade Básica, eu já amei aquele lugar e aquele curso, estava muito feliz em ter tido aquela oportunidade

e estava disposta a fazer tudo para compensar os esforços dos meus pais para eu poder cursar meu ensino médio-técnico ali, apesar do curso não ser pago, tinha o custo com o transporte e alimentação, coisa que já pesava no orçamento.

Tudo estava correndo bem, estava aprendendo muito, feliz da vida, aproveitando todas as aulas, até que, em 2010, comecei a ter crises de ansiedade e síndrome do pânico, com certeza, foi a pior coisa que já passei, demorei na época para descobrir o que tinha, logo, foram vários meses de crises e sofrimento, até que um médico disse aos meus pais que eu teria que me afastar da escola, ficar uns dias de repouso, pois as crises estavam muito graves e eu teria que me tratar.

Aquilo me deixou muito mal, foi uma época muito difícil, mas com a graça do meu bom Deus, muita ajuda da minha família e amigos, consegui melhorar e retornei para meu curso, foi difícil pegar o ritmo novamente, mas acabei meu terceiro ano, sem nenhuma dp e consegui aprender o máximo que pude.

No último ano, comecei a fazer meu estágio, foi aí que me encantei ainda mais pela área elétrica, eu amava as aulas práticas do curso, mas ter o contato com tudo funcionando em uma indústria é outra coisa. Fiz meu estágio, não remunerado, em uma usina de álcool, aprendi muito ali, e no geral, foi uma experiência muito boa.

Eu me considero uma pessoa sortuda, pois apesar de já ter ouvido comentários infelizes e passar por situação desagradáveis por ser uma “mulher atuando na elétrica”, não chegam nem aos pés de outras histórias que já ouvi por aí.

Comecei meu estágio nas férias, pegava o transporte bem cedinho junto com o pessoal que cortava cana da minha cidade e ia feliz da vida para a indústria, na parte da manhã eu ficava no escritório com a equipe de planejamento e controle de manutenção e na parte da tarde ficava com os eletricitas, as equipes iam se alternando.

Tinha equipe que gostava de me envolver nos serviços e me passar conhecimento, porém tinha equipe que fingia que eu nem estava ali, não podiam perder tempo com uma “menina de 17 anos querendo mexer com coisa que mulher não pode fazer”, pois é, ouvi alguns comentários deste tipo, porém, nada daquilo me fazia desistir, eu tentava focar no aprendizado, mesmo não me envolvendo tanto nos serviços, eu estava ali, sempre observando, tentando aprender o máximo coma aquele pessoal, tinham muita experiência. Sempre procurei dar o meu melhor e aprender o máximo que podia naquele lugar.

Certo dia, estava eu com uma das equipes de eletricitas, realizando uma manutenção em um painel, quando um deles me pede para ajudá-los, fui na hora, na maior felicidade, mas logo o outro solta: “Pode ficar aí só olhando, senão você vai estragar suas unhas de moça.” Pois é, ficava magoada, pois por mais que eu insistisse, ainda diziam que eu era “mulher e não ia

saber fazer direito” ou ainda “isso é coisa de homem”.

Meses depois, estava eu com a equipe de eletricitas, e precisávamos remontar uma partida direta com reversão de um dos motores da indústria, foi o melhor dia do estágio, pois neste dia eu ouvi a seguinte frase: “você já viu nós montarmos esta partida várias vezes, vamos ver se você sabe alguma coisa”.

Montei feliz da vida, e após este dia, começaram a me envolver mais nos serviços, mas sempre tinha um ou outro comentário infeliz. Terminei meu estágio, terminei meu curso técnico, prestei vestibular, queria muito fazer engenharia elétrica no local que tinha feito o curso técnico, prestei também vestibular para odontologia em uma outra universidade, pois estava dividida entre continuar com aquela área que eu gostava, mas era desafiadora ou tentar algo diferente.

Passei no vestibular para odontologia e não passei no de engenharia. Comecei odonto, meu Deus, me sentia totalmente perdida ali, apesar de gostar muito também de biológicas, não levava jeito nenhum com sague e nem nada daquilo, sentia falta do meu multímetro kkk além de que, os gastos eram enormes, apesar de ser uma universidade estadual, o aluguel na cidade era caro, alimentação, transporte e as listas e mais listas de equipamentos necessários naquele curso, eram caríssimas, e por ser integral, era difícil conseguir um trabalho que desse para conciliar tudo, sentia uma pressão enorme em cima de mim.

Foi aí que saiu uma segunda chamada para o curso de engenharia elétrica e eu passei, fiquei muito aliviada e feliz em poder voltar para área que eu gostava. Ao deixar odontologia, fui julgada por algumas pessoas: “onde já se viu trocar odontologia por uma área que só homem trabalha” ou ainda “você está louca, essa profissão é de homem, fica na odontologia que é mais de mulher”, mas eu ignorava todos, o que importava era a opinião dos meus pais e eles me apoiavam.

A cidade em que cursei engenharia, era mais perto da cidade da minha família, os custos reduziram bastante, mas engenharia também era integral, difícil de encontrar um emprego para ajudar minha família a arcar com os cursos de moradia e alimentação, assim, me via na obrigação de dar o meu melhor, me esforçar muito para um dia poder retribuir tudo que fizeram por mim.

A faculdade de engenharia elétrica, não foi nenhum pouco fácil, o curso em si já é bem pesado, eu ainda tinha alguns episódios de crises de ansiedade e síndrome do pânico, sem falar da pressão enorme que eu fazia sobre mim mesma, de não poder vacilar devido ao investimento dos meus pais, tinha que terminar em 5 anos, não poderia atrasar o curso, tinha que ajudar minha família. Encarei a engenharia, 5 anos de muito estudo e dedicação, até hoje, parentes não entendem por que eu estudava tanto, mas eu sabia dos meus objetivos e conti-

nuava firme e forte.

Tirei o máximo de conhecimento dos meus professores na faculdade, no geral, todos eram excelentes profissionais, aprendi muito com todos eles, sinto imensa gratidão e carinho por cada um. Chegou agora a hora de encontrar um estágio para poder me formar, está época foi bem difícil, vários colegas atrasando o curso por não conseguir uma vaga, comecei minha procura, e foi um tanto desanimador, passei por algumas entrevistas, em uma delas ouvi o seguinte comentário: “você vai ter que lidar com eletricitista peão o dia todo em, será que uma menininha como você aguenta?”

Não me chamaram para a vaga, me senti extremamente julgada por minha aparência e por ser mulher, nesta entrevista. Dias se passavam e nada de eu conseguir uma vaga, até que, consegui, fui contratada como estagiária, sem remuneração nenhuma, meus pais teriam que aguentar mais um pouquinho, ainda não iria conseguir me manter, me culpava muito por isso, não via a hora de terminar o curso logo.

Primeiro dia de estágio, fui, feliz da vida, tinham me passado meu horário de entrada 7:30, 7:25 estava eu lá na porta da empresa, o pessoal da engenharia entrava 7:30 e o restante, às 8:00, vi que um senhor passou por mim enquanto eu esperava a moça do rh (conforme me foi passado para fazer), com um olhar de desprezo.

Quando a moça do rh chegou, foi me apresentar para os setores, chegamos na sala daquele senhor, descobri que ele era um dos donos da empresa, e de cara ele já me fala: não sei quem você estava querendo impressionar chegando aqui aquele horário, mas eu que não foi, você é só uma estagiária, chegue no seu horário, nem antes e nem depois.

Muito animador para meu primeiro dia, para ele meu horário era 8:00 e não 7:30, enfim, comecei meu estágio, e aprendi muito com o pessoal desta empresa, agora meu setor era o de projetos, a equipe de engenharia era muito boa, aprendi muito com eles, acabando meu estágio me fizeram uma proposta, queriam em contratar como auxiliar de projetista, aceitei, pois ainda não tinha me formado e aquilo iria me possibilitar manter-me ali na cidade, sem o dinheiro dos meus pais.

Aquilo me aliviou muito, tirou um peso de minhas costas, a situação já tinha melhorado um pouco. Chegando a época de eu me formar, vi que ali na empresa, não teria lugar para mim, era uma empresa familiar, já possuíam a equipe fechada, já possuíam engenheiros, percebi que meus colegas de trabalho, estavam ali há muito tempo, sem subir de cargo e eram excelentes funcionários, vi a realidade, não iria crescer ali dentro, tive certeza disso quando a empresa começou a atuar no setor de energia solar e contrataram uma equipe inteira para atuar nesta área, não tive nenhuma oportunidade, decidi sair, queria trabalhar por conta.

Eu já tinha aprendido tudo o que podia ali, o que eu fazia tinha bem mais a ver com

projetos mecânicos, eu queria atuar na minha área, se eu não encontrasse uma oportunidade, eu iria criá-la. Nesta época, comecei a dar aulas, agora começa minha carreira como professora de curso técnico, eu amei aquilo desde o primeiro dia, minha primeira turma não tinha nenhuma menina, mas hoje, dou aula para uma turma que a metade da sala é composta por meninas, me sinto muito muito feliz em ter a oportunidade de passar um pouco do meu conhecimento para outras pessoas, de poder incentivar e olhar no olho de cada uma delas e dizer que elas podem sim, fazer elétrica ou fazer o que elas quiserem, estou ali para apoiá-las e capacitá-las.

Logo que comecei a dar aulas, me casei, e hoje eu e meu marido empreendemos, criamos nossa empresa, prestamos serviços na área elétrica e continuo dando aulas. Eu amo o que eu faço, ainda estou no começo da minha história, tenho muito a que aprender, mas sou muito grata por cada oportunidade que tive, cada momento difícil que passei, só serviu para me fortalecer.

Hoje em dia, ainda passo por algumas situações complicadas, já entrei em sala de aulas, com homens mais velhos, que me julgaram no momento que me viram, “vamos ter aula com essa moça?” “Quantos anos você tem?”, “não é possível que você trabalhe com elétrica”, mas isso é quebrado já na primeira aula, quanto mais me julgam mais tento mostrar que tenho conhecimento sim, que trabalho na área da elétrica sim, e que busco aprender cada dia mais e mais, para levar o melhor para meus alunos, e todos eles passam a me respeitar muito. Já aconteceu também de alguns clientes duvidarem de minha capacidade, mas tudo isso graças a Deus é resolvido no momento que eles me veem trabalhando.

Hoje eu tenho certeza de que estou exatamente onde eu deveria estar, minha missão de vida é poder influenciar esta nova geração que está vindo para a área elétrica, mostrando para as mulheres que elas podem sim fazer o que quiserem, que se elas amarem esta área, basta se dedicar, encarar os desafios e não se deixar abalar.

E, busco oferecer meu melhor para o mundo, quero criar empregos e gerar renda para outras famílias, através da área elétrica. A nossa empresa ainda está no começo, mas hoje tenho certeza de que com perseverança chegamos aonde queremos. Acredito que, a partir do momento que você sabe quem você é, seus objetivos e sonhos, nada pode te parar, este é o caminho.

Para saber mais sobre as experiências da Mariana:

Instagram: [@engenheiramarisouza](#) [@stachukengenharia](#)

Néia Pereira



Publicada em janeiro de 2021.

Neia, é do interior de São Paulo, de Sorocaba.

Há dez anos começou a trabalhar em uma empresa na área de manutenção em sistemas elétricos, na época era estagiária de um curso profissionalizante de elétrica.

Com o passar do tempo começou a estudar engenharia, mas precisou parar duas vezes por conta das viagens do trabalho.

A empresa presta serviço em indústrias que geralmente tem potências acima de 65kW, em classes de tensão de média a alta tensão, e com painéis elétricos de baixa de tensão distribuídos pela fábrica.

Na época do seu estágio, ela fazia calibração dos instrumentos de medição utilizados na manutenção das indústrias.

Neia hoje trabalha diretamente com manutenções preventivas de subestações do sistema elétrico de Potência, onde ela realiza e acompanha diretamente os ensaios elétricos de diversos tipos em transformadores, disjuntores, seccionadoras, TCs, TPs e nos demais equipamentos que compõe a subestação.

Formou-se há pouco tempo em engenharia elétrica, mas boa parte dos seus conhecimentos adquiriu ao longo dos seus dez anos de experiência de trabalho em campo através das visitas nas mais diferentes instalações elétricas e o constante contato com os clientes.

Como um dos seus pontos fortes se destaca na elaboração de laudos e relatórios técnicos de instalações, SPDAs com a realização de inspeções e medições. Também realiza análise de documentações de prontuário de instalações elétricas, diz que essa é a parte que mais ama fazer.

Além de estudar onde a maioria eram homens, a empresa que ela trabalha na engenharia ao longo desses 10 anos eram inicialmente cinco mulheres, porém nos últimos quatro anos das cinco, Neia é a única que ainda esta na empresa.

É mamãe de dois filhos, no começo da maternidade foi “pauleira”, disse Neia, mas que sempre consegue e dá o seu jeito com a ajuda da família.

“Ser mãe nos fortalece muito, a gente enfrenta qualquer situação. Foi muito difícil no primeiro ano do meu pequeno, porque já estava viajando e com seis meses de gestação não podia mais entrar em subestações. Depois da licença maternidade foi como um recomeço, quebrei o machismo, críticas e aos poucos voltei a detonar.”

“Minha filha mais velha é de uma época que ainda não trabalhava na área, mas ao ver tudo que passei nos últimos anos, ela se inspira muito em mim. Está se tornando uma mulher muito forte. Estuda, trabalha, é decidida e diz que é por causa de mim.”

Neia diz que caiu de pára-quadras na área do sistema elétrico de potência por ter sido a oportunidade que teve para fazer estágio, a empresa percebeu o bom desempenho de Neia e que ela tinha aptidão para o trabalho, tanto que hoje em dia nas preventivas seu nome sempre é cotado para equipe técnica.

Também é instrutora auxiliar de treinamento de NR-10.

Para saber mais experiências da Neia:

Instagram: [@_neiaapereira](https://www.instagram.com/_neiaapereira)

Viviane Silva



Publicada em abril de 2020.

Olá!

Me chamo Viviane Silva, atualmente sou Engenheira Eletricista na empresa Acesso-Soluções Inteligentes de Infraestrutura, Microempreendedora em Instalações e Manutenções Elétrica Residencial Comercial e Predial (agora menos), Professora Voluntária no CETECC Jabaquara - Curso de Elétrica Residencial Básico, Diretora de Execução no EB - Eletricista do Bem.

Meu amor e carreira pela ELÉTRICA iniciou-se quando eu tinha 8 anos, era ajudante do meu pai eletricista. Aos 16 anos fiz minha primeira instalação elétrica sozinha, aos 17 entrei na Federal de São Paulo e me formei em Tec. Eletrônica, porque segundo meu pai seria melhor pra mim, pelo fato de ser mulher, mas em 2003 prestei novamente e passei para estudar Eletrotécnica, nesta época enfrentei uma segunda crise de depressão, por vários motivos pessoais, dentre elas: abuso, assédio, desintegração da família, religião, preconceito na carreira, condição social, problemas financeiros.

Minha vida assim como de todos foi de Grandes Gigantes, assim como na vida do povo de Israel e Davi, mas tenho conseguido enxergar como Davi “DESAFIOS” e não enxergar como o povo de Israel “PROBLEMAS”.

Sou carioca, porém fui criada em São Paulo e neste tempo de “Turbulência” fui morar no Rio de Janeiro, acreditei que seria melhor, mas na verdade só fugia dos meus problemas ao invés de enfrentá-los, que no fundo eu não sabia como enfrentar, e também não tinha para quem contar ou pedir ajuda.

Ao chegar no Rio até que comecei bem, entrei em uma empresa onde aparentemen-

te ganhava um bom salário, pelo menos melhor do que meu primeiro estágio em São Paulo, que era somente R\$ 300,00 e precisava pagar meu Vale transporte e o Seguro de Vida que era obrigatório para poder estagiar. A empresa tem por obrigação fazer esse pagamento do seguro, mas meu ex-patrão formado no ITA disse que quem precisava se formar era eu, se quisesse estagiar na empresa dele, eu que pagasse. Então, para não perder meus dois anos de investimento no curso de Tec. Eletrônica, conseguir meu certificado e tirar meu CREA, aceitei estas condições. Era difícil, pois de 2000 a 2003 passei muita dificuldade e uma delas era a fome.

No Rio, as coisas iam bem, durou 1 ano até trocarem o gerente e todos os estagiários serem dispensados, ainda fiquei mais um ano após isso na tentativa de conseguir novo emprego e nada. Até consegui um que durou apenas um mês, em Olaria, onde uma das vezes ao descer do trem e caminhar até a Empresa vi um cara morto no meio da calçada com um tiro de 12 na cabeça. Fiquei bastante chocada com a cena e isso só piorava o fato de estar passando por depressão. Algum tempo depois descobri que a empresa que eu trabalhava participava de um grupo de corrupção, onde os produtos que eram vendidos eles passavam a “fita” para bandidos roubarem dos seus clientes.

Sai dessa empresa e cheguei a distribuir panfleto para tentar continuar no curso de inglês e matemática que na época fazia no Kumon próximo ao metrô Catete. Morava na casa de parentes, sem emprego, tornou pesado a situação, e como a maioria sabe, parente é que nem peixe, depois de 3 dias fede. Voltei para casa dos meus pais, pois era melhor escutar “groselha deles”, do que de parentes...rsrsrs...

Ao retornar para Sampa trabalhei por 3 meses em uma loja de material elétrico, onde a gerente do meu setor não sabia a diferença entre uma lâmpada 127V e 220V, e eu precisava atualizar o sistema sobre os materiais que tinham em estoque. Pensa na dificuldade em manter isso em ordem com uma gerente que discordava do que eu registrava no sistema e o que tinha de fato na loja. Claro que não aceitei o fato de continuar a trabalhar em um lugar assim desorganizado e que não aceitavam mudanças de melhorias.

Consegui um emprego na área de eletrônica onde consertava aparelhos auditivos, mas não me apaixonei porque todo dia era a mesma coisa, trocar peça ou montar aparelhos. Sem desafios, qualquer um podia executar desde que repetisse aquilo por alguns dias.

Depois fui trabalhar em um laboratório onde vendiam e faziam instalações e manutenções de impressoras industriais e leitores de códigos de barra. Era legal, pois realizávamos visitas técnicas, todo dia um lugar e cliente diferentes. Porém meu salário não aumentava, enquanto a maioria dos meus colegas e amigos ganhavam na época R\$ 2.500,00 a R\$ 3.000,00 eu ganhava R\$ 740,00 e não podia andar com o carro da empresa. Só os TÉCNICOS podiam

dirigir, inclusive eu era obrigada a ir de carona com um deles que tinha ataque epilético, mas para empresa o cara que podia ter um ataque epilético ao dirigir e enfiava o pé no acelerador, recebia várias multas, era mais Seguro do que ter uma mulher dirigindo. Então, me desanimei e parti também, cheguei a vender açaí e acreditar que Elétrica/Eletrônica não eram para mim. Talvez nas gerações futuras isso seria possível, mas não me contentei em ficar parada com o que já tinha investido.

Em 2010 ao procurar emprego de eletricista vi que quase todas as vagas solicitavam NR10 e NR35. Peguei a pouca grana que tinha e investi no NR10, onde criei coragem para pedir emprego ao Professor Eng. Artur Caveiro, que me apresentou um outro eletricista e fiquei de ajudante até este “eletricista” desistir dos trabalhos de execução e assim surgiu a oportunidade de eu liderar as execuções e mostra meu potencial.

O Eng. Artur me deu o primeiro desafio, a instalação de um grande projeto para a Decolar.com, infra (eletrocalha e perfilados), cabeamento, QDC's, de 7 andares e com as finalizações de iluminação e tomadas, depois outro grande projeto foi na FGV. Merece destaque que os colaboradores de todas as outras equipes de pedreiros, pintores, gesseiros e demais nunca nenhum deles me faltou com respeito, pelo contrário, dividiam café, até mesmo almoço e se preocupavam em deixar um banheiro sempre limpo separado para mim, admiravam meu trabalho e mesmo sem ser da minha equipe me ajudavam quando eu precisava.

Foi quando adquiri minhas primeiras ferramentas, quitei a dívida da Fiorino, abri o MEI e iniciei de fato minha carreira “SOLO”. Nesta época executava obras públicas e particulares dos projetos do Eng. Artur, geralmente com 1 no máximo dois ajudantes que chamo de parceiros de trabalho, pois não gosto de diminuir as pessoas.

Porém até me estabelecer, ao trabalhar como ajudante só recebia R\$ 70,00 por dia sem vale refeição e sem vale transporte. Ninguém estava preocupado como eu iria chegar nas obras ou o que iria comer, isso foi bom para meu crescimento pessoal pois além da diária também pago por fora os dois vales e ajudo também as pessoas a montar seus kits de ferramentas. E o mais importante, não flerto com quem trabalha comigo, pois foi umas das situações que passei com este eletricista.

Mas a vida é uma caixinha de surpresas.

Tudo ia muito bem, estava feliz, microempreendedora, tinha ferramentas, uma Fiorino para realizar os atendimentos, ajudante que trabalhava bem, até que em 2013 começa a aparecer os escândalos por todos os lados e isso impacta as duas empresas para quem eu prestava serviços. Uma fechou e a outra ficou somente com uma obra que ficou para o terceirizado mais antigo.

Cheguei a bater em um condomínio que estava em fase de construção em Guarulhos e tinha uma faixa ENORME “PRECISA DE ELETRICISTA”, conversei com o responsável e pedi emprego.

Você não vai aguentar quebrar parede para colocar caixinhas e conduítes, disse ele. Abri minha Fiorino e mostrei minhas ferramentas, disse que quebrava parede desde os 12 anos e que se não aguentasse eu tinha um martetele. Então ele respondeu: o nosso escritório não aceita mão de obra feminina. Claro que retornei para casa muito chateada.

Tinha capacidade e condição, mas não tinha a oportunidade.

E os serviços, caíram drasticamente, mas a rejeição não foi somente de homens foi de mulheres também. Cheguei a ouvir de uma delas que aquele serviço não era para mim, e iria chamar um “tiozinho” para realizar a manutenção da casa que eu tinha acabado de realizar o orçamento a pedido da filha. Esse foi um dos casos que me marcou, mas ouvi várias dessas rejeições, até mesmo da minha mãe que dizia: você precisa de uma profissão menos masculina. Isso é pesado de ouvir que as pessoas preferem homens.

Então, neste limbo de crise no país e rejeição das pessoas em 2013 Fiz minha inscrição no curso de Engenharia Elétrica. No primeiro ano de faculdade, fiz amizade com meu amigo Walter que me indicou para fazer parte da manutenção de um shopping em Guarulhos.

Fui admitida e bem recepcionada pelo meu superintendente e pela minha gerente, mas o líder da equipe não gostou. Após ele ser demitido, por razões entre ele e a empresa, entrou um supervisor que odiava a ideia de ter uma mulher na equipe, e tudo que dava de errado ele associava a mim para tentar conseguir minha demissão.

A primeira vez que ele me esculhambou fiquei muito triste, mas a segunda gravei tudo e mostrei para meu Superintendente e minha Gerente. Parecia que tinha resolvido, porém ele arrumou outros meios de fazer eu desistir.

Precisei fazer uma escolha, pois isso me afetou tanto que refletiu em meus estudos, foi quando ganhei minhas primeiras DP’S na faculdade. Então em 2014 pedi minha demissão e voltei a investir no MEI.

Em 2016, precisei vender minha Fiorino para pagar minhas dívidas.

Entre 2016 e 2017 fiz divulgação no Instagram (pessoal), uma Engenheira me viu e me indicou para sua amiga onde fiz a reforma Elétrica de seu apartamento, após isso ela me incluiu em dois grupos do Facebook ,DOTS e Garotas no Poder. Depois disso começou a aparecer serviços, mesmo assim a demanda era pouca.

Um dos serviços precisei colocar meu ajudante para falar com o cliente e fechar ne-

gócio, pois ele queria falar como O responsável, e não com a responsável. Porém quando ele viu que eu era A responsável que executava e liderava a equipe me deu mais outros trabalhos.

Em 2017 conheci um grupo de mulheres que atuam em instalações e reformas de residência também, porém a maioria atende somente mulheres e elas me questionaram porque eu não atendia e trabalhava só com mulheres. Respondi, que se eu agisse desta forma, morreria de fome, que ao trabalhar com público diverso já não tinha muito serviço. E sobre trabalhar com ajudante homem, era simplesmente porque ainda não tinha aparecido nenhuma mulher para trabalhar comigo. Cheguei a propor para mulheres desempregadas, que não aceitaram por achar o trabalho pesado e perigoso. Essa foi mais outra rejeição por quase todas elas, ainda tenho conta com algumas, mas a maioria me colocou de lado.

Postei no Facebook novamente que precisava de uma mulher para trabalhar comigo, e apareceu uma CORAJOSA, Raquel, e através dela é que hoje faço parte dos Eletricistas do Bem. Sou professora voluntária no CETECC e surgiu a oportunidade de trabalhar na empresa que estou hoje, mas durante este período de 2018, até conseguir estar hoje aqui viva precisei sair da casa onde morava com minha mãe e o meu “irmão”. Quase dois meses depois morando sozinha de aluguel, quebrei meu punho em um acidente de moto, por negligência do motorista que trocou de faixa sem sinalizar e não me viu, fiquei de “molho” por 3 meses.

Sobrevivi este tempo com a ajuda de Deus, alguns amigos e minha mãe que me deu um apoio. Minha fisioterapia foi 10 dias nas sessões e os outros dez quebrando parede, porque não tinha mais dinheiro para pagar fisioterapeuta. Então, falei: “ou vai ou racha”, mas meu punho precisa voltar ao normal. Voltou os movimentos, porém cansa mais rápido, tem menos força hoje, estrala e quando muda o tempo dói um pouco, mas está bom disseram que eu não teria o mesmo movimento de antes.

Enquanto não aparecia serviço e nenhuma oportunidade para atuar na área de Engenharia após quase 3 anos de formação fazia algumas reformas e me dedicava nos trabalhos voluntários na qual continuo fazendo parte até hoje, e foi lá que meu patrão atual viu meu trabalho e me aceitou em sua empresa, mesmo sem eu ter muito conhecimento no segmento de geração, transmissão, distribuição e uso de energia no transporte.

O que eu aprendi com isso tudo?

Se você tem um sonho não desista.

Um mundo justo e equilibrado e onde todos os indivíduos tem a sua oportunidade independente de: sexo, gênero, cor, raça, religião, classe social e idade.

Encare a vida como DESAFIOS e não como Problemas.

Chore, mas não fique estacionado em estigmas, desculpas ou vitimismo, pois somente

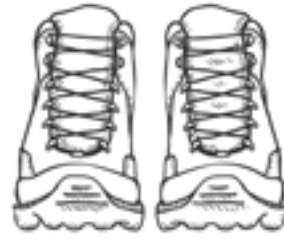
Deus e sua força de vontade que irão contribuir para seu crescimento e realização de sonhos.

Em meio a pandemia a Vivi foi contratada dia 20/03 pela empresa Acesso e até hoje recebe ajuda e apoio, ela entrou em contato comigo para saber um pouco mais sobre transmissão, repassei um material que tinha. Mulheres devem apoiar mulheres, juntas somos mais forte! Parabéns pela história de luta e superação, Vivi, que ela dê força e inspiração para muitas meninas.

Para saber mais sobre as experiências da Vivi:

Instagram: [@eletricaviviecia](#)

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/eletricaviviecia/>



Capítulo 3

Engenheira Mecânica

“Nunca abaixe sua cabeça. Sempre a mantenha er-
guida. Olhe o mundo direto nos olhos.”

(Helen Keller)

Thais Ghise



Publicada em março de 2021.

Thais é de Canoas no Rio Grande do Sul, se formou em janeiro do ano passado em engenharia mecânica.

Iniciou na área que trabalha com 18 anos, se formou no curso técnico em química e começou a trabalhar em uma indústria como operadora de uma planta de Biodiesel.

Thais participou do startup dessa planta e foi quando se apaixonou pela área de manutenção, o engenheiro que estava nesse startup disse para ela: tem uma obra acontecendo na Petrobrás, se você quiser te indico para auxiliar para auxiliar de planejamento para você ver se gosta.

Nessa época Thais trabalhava em turno de 6 por 2 das 14h às 22:40, ela era nova e não tinha muito com o que se preocupar e tentou arriscar.

Pediu demissão da empresa que trabalhava, a Bianchini, e foi participar de uma parada de manutenção na refinaria como auxiliar de planejamento e começou a gostar muito da área de gestão de manutenção.

Terminou o contrato que teve duração de três meses, ficou desempregada, nesse meio tempo conheceu muitas pessoas e soube que teria uma parada de manutenção da Braskem no pólo petroquímico de Triunfo, mandou seu currículo e foi chamada para entrevista.

Na época ela tinha muito conhecimento do software Primavera que é de gestão de planejamento, Thais passou na entrevista e começou a trabalhar lá como parceira, ficou por 9 meses.

Foi contratada para fazer a parte de auxiliar de planejamento onde ficaria na atualização de cronograma, detalhamento e se destacou durante a pré-parada e no evento acabou por atuar como planejadora de manutenção onde mais uma vez foi destaque.

Thais foi convidada para entrar na Braskem como integrante, participou do processo

seletivo e foi aprovada.

Hoje ela já está há 8 anos na Braskem, durante sete anos exerceu a profissão como planejadora de manutenção. Sempre visou uma carreira de liderança com potencial de crescimento, então sabia que precisaria fazer uma engenharia.

Thais optou por cursar engenharia mecânica, se formou em quatro anos e meio em janeiro do ano passado.

Hoje ela atua como engenheira de planejamento e controle da manutenção na rotina da Braskem, está nesse cargo desde o ano passado, depois que se formou levou seis meses para ser promovida.

Como dificuldades na carreira, Thais diz que é um mundo muito masculino, começou muito nova na área com 21 anos. Nunca foi desrespeitada, mas ela se sentia insegura e parecia que as pessoas não confiavam muito nela quando a olhavam toda arrumada, gosta muito de estar sempre com unha e cabelo feito. Conforme foram conhecendo seu trabalho conquistou a confiança das pessoas que trabalham com ela.

Thais ama muito seu trabalho, mas sabe que é uma profissão que tem suas dificuldades, pois apesar de dizerem que hoje não existe tanto machismo, mas existe sim, até confiarem no seu trabalho e entenderem que não é a sua imagem que te faz como profissional, não é porque você é bonita e gosta de se arrumar que não será uma boa engenheira.

“Eu sou apaixonada pelo que faço, e com certeza para os que estão no início e principalmente às mulheres tem que ter muita garra e força de vontade, pois não é comum ainda ter mulheres na engenharia e em cargos de liderança, ainda existe o preconceito.”

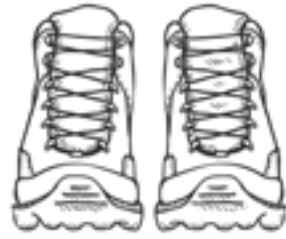
“Escolhi fazer engenharia por opção minha, meus pais não tem graduação, sou de uma família humilde. Foquei no que eu queria, fui em frente, não foi fácil, moro sozinha desde os 21 anos e tive que aprender a me virar. Hoje ganho super bem, mas no começo não ganhava, então tive que priorizar, deixei de fazer muita coisa para conseguir me formar.”

Na empresa que trabalha, Thais diz que sempre teve todo apoio, tanto para seu aprendizado como para o seu crescimento, afinal ninguém nasce engenheira. Aprende no dia a dia dentro do processo da empresa que é muito diferenciado, a parte de gestão da manutenção é muito complexa.

“Hoje sou completamente realizada dentro da minha profissão no lugar que eu trabalho, sou apaixonada, é praticamente uma família. Me sinto bem, sou acolhida e respeitada.”

Para saber mais sobre as experiências da Thais: Instagram: [@ghisethais](https://www.instagram.com/ghisethais)

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/thais-ghise-rossoni-2b8a02100/>



Capítulo 4

Engenheira de Minas

“O sucesso de cada mulher deveria servir de inspiração para outra. Deveríamos levantar umas às outras.”

(Serena Williams)

Mariana Martins



Publicada em abril de 2021.

Oi meninas! Aqui é Mariana, sou Engenheira de Minas graduada, mestre e doutoranda pela Universidade Federal de Ouro Preto.

Estou muito feliz e orgulhosa em fazer parte desse time de mulheres guerreiras, admiráveis e excelente em suas profissões.

Bom minha história na engenharia começa desde criança... quando era moleca achava imponente mulheres usando botinas e capacetes. Aliada com minha certa facilidade nas áreas de exatas, acabei escolhendo a engenharia como profissão.

Tinha em mente, como opção de escolha nos vestibulares da época, engenharias que tivessem relação com o meio ambiente.

Primeiramente passei em Engenharia Ambiental na Universidade Federal de Viçosa, com apenas 16 anos, mas meus pais me achavam muito nova para ingressar na faculdade e ainda em uma cidade distante.

Continuei meus estudos e com 17 anos passei em primeiro lugar em Engenharia de Minas na Universidade Federal de Ouro Preto.

Detalhe: na minha turma éramos apenas 7 mulheres entre os 35 alunos. Inclusive, brincávamos que éramos a sala das 7 mulheres. Posteriormente fiz estágio na CSN, onde trabalhei na Gerência de Operação de Mina. Foi nesse período que percebi e senti na pele de verdade como o mundo da mineração era extremamente machista e preconceituoso com as mulheres. Quando eu ia trabalhar com a unha feita, por exemplo, diziam que eu iria quebrá-la ao subir nas leiras de proteção, entre outras piadas (sem graça, diga-se de passagem).

“Talvez por eu ser sempre adiantada para minha idade e ainda tenho muito cara de nova, loirinha e meio bochechuda rsrs, ninguém nunca acredita no meu potencial e no meu trabalho. Sempre me subestimam, me davam os serviços mais básicos. Sofri certo assédio e demorei muito para conseguir ser respeitada. E até hoje continua do mesmo jeito, fazem hora com minha cara, tenho que ouvir muito mansplaining, etc”.

Além disso, durante minha graduação fiz intercâmbio na França, onde estudei Engenharia Civil e atualmente sou fluente em inglês e francês.

Apesar de todas as minhas qualificações, após minha formatura tive muita dificuldade em conseguir emprego e, por isso, por muito tempo tive que dar aula de inglês e francês, inclusive durante todo o meu período de mestrado.

Ao concluir o mestrado eu passei no concurso para professora do CEFET em Araxá mas sentia que gostava mesmo era de ir para o campo, “botar a mão na massa”. Até que surgiu a oportunidade de trabalhar na FEAM (Fundação Estadual do Meio Ambiente de Minas Gerais) com a função de fazer a gestão e fiscalização das barragens do estado.

Hoje sinto que trabalhar com barragem é o que considero como minha vocação e meu legado para o mundo e para minha profissão.

Desde as rupturas ocorridas em Mariana em 2015 e em Brumadinho em 2019 percebi que como Engenheira de Minas eu tinha o dever de contribuir para melhorar a visão que a sociedade tinha da minha profissão, bem como colaborar com maiores conhecimentos sobre o atual estado da arte das barragens no país.

Atualmente além do doutorado ainda faço Pós-Graduação em Gestão de Segurança de Barragens e nunca paro de estudar e tentar me aperfeiçoar sobre o assunto.

“Hoje eu vejo que o cenário já evoluiu bastante, por exemplo, as últimas turmas de Engenharia de Minas da UFOP têm tido mais mulheres que homens, mas ainda assim temos muito trabalho pela frente, muito que lutar por nosso espaço, voz e opinião. Infelizmente as principais posições de liderança no mundo não são ocupadas por mulheres, mesmo a gente sendo tão competente (ou até mais) que muitos homens.

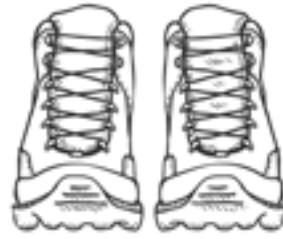
Para todas as meninas que estejam lendo o meu pequeno relato de vida eu deixo os seguintes recados:

“Primeiramente nunca troque sua carreira por nada! Não mude seus planos, não desista da sua profissão por ninguém.

Em segundo lugar: dribla o seu auto boicote e falta de autoconfiança. Confie no seu potencial, na sua capacidade e continue focando no que acredita porque algum dia você vai

chegar lá e vai perceber que tudo valeu a pena”.

Para saber mais sobre as experiências da Mariana: LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/marianaengminas/>



Capítulo 5

Engenheira de Segurança do Trabalho

“O sucesso só é significativo e agradável se acaso você sentir que é verdadeiramente seu.”

(Michelle Obama)

Paula Priscilla



Publicada em novembro de 2019.

Paula Priscila Castiglioni é engenheira ambiental e de segurança do trabalho, atua hoje como coordenadora de saúde, segurança do trabalho e meio ambiente de uma grande construtora chinesa que atua aqui no Brasil.

A Pri, assim como eu, é uma guerreira do “trecho” e já atuou em um dos setores que acho mais difícil da parte de energia tanto para homens e mais ainda para mulheres, costumamos dizer que: Linha de transmissão é onde o filho chora e a mãe não vê.

Sua primeira profissão foi como fisioterapeuta, até decidir que não era isso que ela queria, resolveu então cursar engenharia ambiental e posteriormente fez uma pós-graduação em segurança do trabalho. Trabalhou por 13 anos como funcionária pública, com essa renda custeou seus estudos, pois seus pais não tinham condições financeiras.

Como é o sonho de muitas engenheiras Pri também queria ao se formar poder trabalhar na área, mas veio de uma cidade pequena sem muitas oportunidades de emprego.

Para muitos que vêm de cidade pequena ter um emprego público é uma garantia de um futuro tranquilo e estável, mas será que vale a pena estabilidade sem felicidade?

Ela nunca foi feliz naquele emprego público, sofreu vários assédios morais, inclusive chegou a ouvir um dia que não adiantava ser engenheira, fazer pós-graduação, pois não seria ninguém fora daquele emprego.

A Pri não se deixou abater, levantou a cabeça e passou a contar os dias para sair do funcionalismo público e provar para todos que ela poderia ser muito mais do imaginavam.

Sempre costumo falar que temos de estar sempre preparados para quando a oportunidade bater na porta, e ela bateu na da Pri que agarrou com toda as forças possíveis. Enviou o currículo para uma empresa e foi selecionada para entrevista onde ofereciam um salário justo para a função.

E lá foi ela, menina do interior com uma mala cheia de sonhos para a cidade grande, na entrevista ocorreu tudo bem, porém começou a acontecer injustiças. A vaga era dela, mas o salário seria menos, a metade do que haviam oferecido antes, e como justificativa deram a falta de experiência.

A Pri achou estranho, pois a vaga e o salário seriam justamente para quem não tem experiência, mas concordou, e agarrou a primeira oportunidade com unhas e dentes mesmo achando injusto.

Deu o seu melhor, trabalhou com muita garra, afinal era aquilo que ela sempre quis. O projeto que ela participava era da construção de uma Linha de transmissão no interior do Maranhão.

Foram várias marmitas frias no meio do mato, várias buchadas de bode, línguas de vaca rejeitadas e muito coentro na comida. Era coentro no arroz, coentro no macarrão, coentro no feijão, conclusão: emagreceu alguns quilos. Várias idas ao banheiro no meio do mato, muitas vezes sem papel no começo, foi aí que aprendeu que uma mulher deve andar com um papel higiênico e água na mochila; várias vezes carro atolado, ou pneu furado no meio do mato, no meio do nada.

O dia mais marcante foi uma ida para o campo apenas com o GPS, pois seria coisa rápida, não levaram marmita, por sorte, ela levou duas garrafas de água do hotel onde estava hospedada.

Foi neste dia que aprendeu sobre a importância de se levar além do papel higiênico, água na mochila. Saíram ela e o supervisor para localizar uma área, a camionete atolou e ficaram parados no meio do nada, no calor das 10h00 da manhã do estado do Maranhão.

Sem fazer a menor ideia de onde estavam saíram em busca de ajuda com o auxílio do GPS, andaram mais de 10 km, sem comer, apenas com as garrafas de água que ela gentilmente dividiu com o supervisor durante o caminho, que a maior parte ela seguiu sem conversas,

brigaram, pois, o abençoado não sabia lei o GPS e não a deixava ajudar pois achava que ela não tinha experiência. Homens e seu senso de saber tudo!!!

Andaram muito no sol escaldante do Maranhão, quem conhece sabe como é quente, Pri sentia o corpo derreter literalmente...

No final da tarde, por volta das 17h, já sem forças, cansada da caminhada de mais de seis horas, com bolhas nos pés e muita fome, acharam um local para pedir e ajudar e levá-los de volta para cidade.

Segundo a Pri parecia uma mistura de bar, vendinha ou mercearia, não sabia ao certo nome daquele tipo de estabelecimento, já sei Pri, era uma bodega.

O supervisor comprou uma coca e um biscoito recheado para saciar a fome e a sede dos dois, acho que nunca comi com tanto gosto um biscoito recheado em toda minha vida, disse Pri. Então, aguardaram ajuda até 20h da noite. Ao chegar no hotel extremamente exausta, tudo que ela queria era um banho quente e deitar na cama. Quem mora no Nordeste sabe bem que em muitos lugares não tem chuveiro elétrico, adivinhem? Aquela expectativa da água quente e vem então a gelada, o corpo já cansado estremeceu. Foi a gota d'água daquele dia cansativo, lágrimas de raiva escorreram em seus olhos, pois a única coisa que ela precisava e merecia era um banho quente e relaxante. Veio então nesse dia uma grande lição! Desistir jamais! Pode até jogar água fria que ela não desiste...

A foto que segue é do amigo bode que fez enquanto aguardava auxílio no estabelecimento. O bode comia o cadarço e o cabelo dela, mas tudo bem, talvez ele estivesse com fome também, de certa forma ela o entendia.

Bom, após alguns meses de empresa, muitos atolamentos, algumas picadas de marimbondos e aranhas durante as visitas de campo, descobriu que a empresa contratou um engenheiro, sem experiência alguma para trabalhar com ela. Se sentiu péssima, pois ela também era engenheira e ainda tinha que fazer o trabalho por ele, já que o mesmo não tinha experiência, e não sabia nada, mas ele era homem, engenheiro e ganhava o triplo a mais. Priaprendeu que precisava ser forte e viver nesse mundo que segue, por muitas vezes, extremamente machista, mas desistir jamais.

Te entendo bem Pri, passei por isso também, homens com o mesmo nível de cargo que o meu e ganhando mais.

Outro caso que a aborreceu bastante durante sua jornada foi escutar a seguinte frase de um colega de trabalho: "Suas panelas estão queimando, você não vai embora?". Entendendo a frase: Ela estava na obra e ele queria que ela fosse embora para lhe dar uma carona, explicou que não poderia ir naquele momento da atividade, que ele teria que esperar ou ir

com outra pessoa. Alguns minutos depois ele disse essa frase, se referindo a ela, como uma dona de casa que precisava voltar para as panelas, já que aos olhos de machista dele, ela não era necessária ali na obra.

Difícil de acreditar que ela escutou aquilo. Claro que não deixou barato, ele escutou umas boas verdades. Boa Pri, calar jamais!!

Ela ainda acha que até fui mal-educada com ele, mas o colocou em seu devido lugar. Hoje em dia não permite que nenhum homem faça brincadeiras de cunho machista.

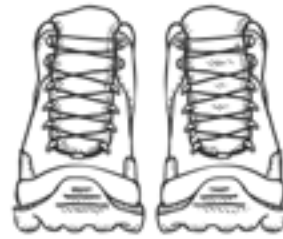
Hoje é respeitada, mas confessa que passou por várias dificuldades para estar onde está.

Pri finaliza assim:

“Para ser de obra, a mulher precisa provar para si mesma que é capaz, eu fui capaz e quando olho para trás me sinto uma guerreira, só quem é de obra de trecho sabe do que estou falando. Poderia passar o dia todo escrevendo sobre as aventuras e dificuldades, que são muitas, mas isso nos torna forte. Só tenho a agradecer por todas as oportunidades que tive e dizer que amo o que faço! Amo ser do trecho.”

Para saber sobre as experiências da Priscilla:

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/ppriscilacastiglioni/>



Capítulo 6

Administradoras

“Você se torna o que você acredita”.

(Oprah Winfrey)

Naysa Ribas



Publicado em fevereiro de 2021.

Naysa trabalha no setor offshore e é mamãe de uma linda menina.

Sou Macaense, que hoje mora em Vila velha por conta do trabalho, por embarcar em Vitória.

Trabalho no almoxarifado, entrei como assistente de almoxarifado e hoje sou supervisora de almoxarifado.

Entreí na empresa que trabalho como assistente de compras, depois de um tempo virei compradora Júnior de base.

Queria fazer compras para navios/plataformas, porém falaram que eu não tinha experiência e que não tinha conhecimento para ser compradora de base.

Foi aí que um amigo me perguntou, porque eu não virava almoxarife de bordo, assim pegaria experiência de materiais para virar compradora de navio.

Gostei da ideia, e no dia seguinte já fui direto no RH pedindo essa oportunidade, de ser transferida para bordo como assistente de almoxarifado.

O RH ouviu meus motivos e disse que poderia indicar meu CV para os gerentes de operações para a próxima vaga que surgisse, porém em nenhum navio da frota, eles tinham mulheres trabalhando nesse setor, por considerarem um setor pesado.

Conversei e expliquei que pelo conhecimento que eu tive de logística de material na faculdade, era um departamento muito mais de planejamento, controle e organização do que um departamento de movimentação de carga, que eu só precisava que eles tentassem me colocar lá dentro, que eu mostraria para eles que uma mulher é totalmente capaz de trabalhar nessa aérea.

Eles tentaram uma vez, mas fui recusada na época por um gerente que não gostava de mulher no mundo offshore.

Depois de um mês, abriu vaga em outro navio, o gerente desse outro navio já havia trabalhado comigo na base e sempre gostou do meu trabalho e aceitou meu CV para a vaga.

Fui toda empolgada, fizeram minha transferência e no dia de assinar o novo contrato queriam fazer um contrato de experiência de 3 meses e caso não desse certo eles me voltariam pra base, para a mesma função. Porém, recusei e disse que se não gostassem do meu trabalho, eu seguiria para outra empresa.

Embarquei empolgada, feliz, e quando fui apresentada para meu supervisor ele apertou minha mão e disse: “Nossa, a empresa não resolveu meu problema, só trouxe mais um”.

Respondi: Espero de verdade que eu seja uma solução, vim para somar, aprender e te ajudar no que for preciso!

Já tomei a primeira porrada no primeiro minuto a bordo, realmente é difícil, pois não é uma porrada ou outra, são várias por mês, ainda é um ambiente que existe muito machismo, mas eu sou do tipo que nunca me importei com o que as pessoas falam.

Para a empresa o que importa é você desenvolver um bom trabalho, ser competente, e sempre foi nisso que eu focava, conseguir ter uma avaliação melhor que a outra.

Teve gente da minha própria família que disse que depois de eu fazer faculdade, ia trabalhar de arrasta balde.

Trabalhei muito e sem frescura, puxava carinho com material, paleteira, carregava material no ombro e depois de uns 6 meses, esse supervisor pediu desculpas pelo que falou e disse que eu era uma das melhores almoxarifes que ele já tinha trabalhado.

E quando ele teve uma outra proposta, ele me indicou para ficar no lugar dele, mesmo tendo um back homem e que trabalhava lá já tinha uns 3 anos.

E assim, entre choros e sorrisos, fui trilhando minha história em FPSO.

Estou desde 2012 embarcada e desde 2013 como supervisora.

O mais importante nessa área é saber se impor e não se incomodar com o que os outros falam/acham, acredite no seu potencial e só vai.

Já cansei de ouvir homem perguntar: O que você fez para conseguir um cargo de supervisão tão nova? Virei supervisora com 23 anos.

ELAS DE BOTINA : Volume I

Minha resposta sempre foi: “Não que seja da sua conta, mas eu estudei para estar aqui”.

Eu sou formada em Administração com MBA em Logística e gestão portuária.

Para saber mais sobre as experiências da Naysa:

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/profissionaldelogistica/>

Neusa Coelho



Publicada em abril de 2021.

Administradora e Auditora com Especialização em ISO 9001, 14001, 45001 e 55001

Mentora de Estratégia de Mudança Profissional

Especialista em Empoderamento Feminino para Empregabilidade

Palestrante

Idealizadora e Líder da Rede Somma – Mulheres Transformando Mulheres

Sou gaúcha, libriana e apaixonada por mudanças, em todos os sentidos! Só mudança de cidade, já foram mais de 20 vezes, já trabalhei em 12 estados brasileiros! Dedico minha energia para desenvolver projetos que deixam marcas nas pessoas e no mundo, batalho para realizar os meus sonhos e ajudar as pessoas que me cercam a realizarem os seus. Cresci num meio social bem simples, estudei em escola pública até o ensino médio, e conquistei algumas bolsas de estudo durante a minha vida acadêmica. Altruísta nata, sempre tive algo dentro de mim que me chamava à ajudar as pessoas.

Iniciei minha trajetória profissional em 1998, trabalhando como “palhacinha” entregando balas para crianças em frente às lojas de uma pequena cidade do extremo sul do RS, onde nasci. Conquistei minha primeira bolsa de estudos aos 15 anos, em 1998, para fazer um curso de informática e a segunda bolsa de estudos foi em 2006 para o Curso Superior de Administração. Também conquistei uma bolsa de pós graduação em Metodologia e Gestão da Educação à Distância Corporativa em 2010. Depois de concluir minha primeira graduação em 2009, complementei minha formação e passei por empresas dos mais variados portes e ramos de atividade. Até meus 26 anos, as experiências profissionais foram as mais diversas, já trabalhei como auxiliar de mecânico, saladeira em restaurante universitário, contato comercial e rádio e jornal, controladora de estoque de farmácia, balconista de padaria, vendedora de

consórcios e de loja de calçados, já trabalhei em sex shop e tantas outras coisas. Fui professora de jovens aprendizes, assistente administrativo em empresa de terraplanagem, atuei na construção de plataformas de petróleo e de parques eólicos também. Isso se justifica pela minha multipotencialidade que na época eu mesma questionava, por que não “parava em emprego nenhum”.

Minha experiência mais significativa ao longo da carreira foi consolidada na área da Qualidade, onde, área que passei a me dedicar integralmente a partir de 2007. Conquistei reconhecimento na implantação de sistemas de gestão baseados nas normas ISO, acumulando mais de 10 anos de experiência em obras de construção de projetos de energia eólica por todo país, trabalhei em 12 estados brasileiros, no Chile e no Uruguai. Hoje realizo consultorias e auditorias de gestão de mudanças empresariais, atuo como mentora de mulheres e de programas de formação de jovens aprendizes, sou voluntária das ONGs Junior Achievement e Cruz Vermelha, e minha última atuação nacional foi como mentora do Programa de TV Casa das Empreendedoras da Band Minas em 2019.

De 2010 a 2019, trabalhei na construção de 3 plataformas de petróleo e mais de 30 parques eólicos em todo o Brasil, tive minha primeira oportunidade na área de energia eólica através de um processo seletivo anunciado no LinkedIn em 2010 e quando percebi que não há limites para quem sabe o poder que tem nas mãos, tomei a decisão e a iniciativa de lutar com todas as forças para alcançar o que eu mais queria na época, um cargo de destaque e um salário acima de R\$ 10.000,00. Em 2017 consegui alcançar ambos. Me tornei Especialista em Sistemas de Gestão em uma das 5 maiores companhias de energia do mundo, fiz viagens internacionais, escolhi um apartamento lindo para morar em Natal/RN, com vista para o famoso Morro do Careca. Eu consegui!

Nem tudo foi sempre tão maravilhoso como parece. Antes de alcançar tudo isso, passei mais de 7 anos trabalhando abaixo de sol e chuva, passando frio de -3°C até calor de 45°C, carregando EPI pesado (cinto tipo paraquedista, kit resgate, etc), durante o dia ou na madrugada, fazendo esforço físico elevado, subindo em aerogeradores, com as unhas cheias de graxa e as roupas sujas de concreto, mas sempre que o com o pensamento de que todo sacrifício gera um benefício, essa era a minha “mentalidade de propulsão”.

Por trabalhar em ambientes predominantemente masculinos há mais de 15 anos, senti na pele a necessidade de me empoderar para ser respeitada e ocupar meu espaço. Na minha percepção, a maioria das mulheres não tem informação, conhecimento, objetivos e metas claras para sua vida profissional e isso se torna um problema grave, pois acabam andando sem rumo no mercado de trabalho, sem total controle das suas ações, tornando-se muitas vezes, dependentes financeiramente de outras pessoas, o que pode levar inclusive a ciclos de violência física e psicológica. Quando passei a atuar na área de petróleo e energia eólica, isso se

tornou cada vez mais evidente, já que o número de mulheres que eu conheci trabalhando no trecho, é infinitamente menor que o número de homens. Em alguns projetos tínhamos 3000 homens trabalhando e 80 mulheres. Isso mexia muito comigo, sentia que eu precisava fazer algo para mudar essa realidade.

No papel de mulher empoderada e por viver e acreditar no protagonismo feminino, foi no dia 08 de março de 2016, trabalhando no Parque Eólico Itarema no Ceará, que passei a reunir através de aplicativo de mensagens, 6 amigas que estavam desempregadas depois da conclusão de uma obra de parque eólico no RS. Nascia então a Rede Somma de Empoderamento Feminino para Empregabilidade. Essas mulheres almejavam uma mudança profissional real, e eu sabia que poderia ajudar. Minha missão é orientar as mulheres sobre as melhores ferramentas para mudar sua realidade profissional e refletir os resultados positivos em sua vida pessoal. Com linguagem adequada e focada em resultados, fomento o empoderamento profissional feminino de forma direcionada, disponibilizando informação e conhecimento sobre o mercado de trabalho, encorajando e guiando as mulheres a encontrarem suas próprias respostas e a traçarem seus próprios planos profissionais, escrevendo uma nova história.

Meus dias são recheados de estímulo, ouvindo e impulsionando as mulheres a aprender mais, maximizar seu potencial, desenvolver suas habilidades, ampliar suas conexões, aprimorar sua performance e se tornar a sua melhor versão, encontrando um novo sentido para sua vida profissional. Impulso a reflexão sobre motivações, interesses, paixões, aptidões, sonhos, planos e possibilidades, abrindo um horizonte de oportunidades que as mulheres, na maioria das vezes, não visualizam.

Ao idealizar este movimento de forma totalmente despretensiosa, não imaginava que me tornaria líder e mentora um time de mais de 4000 mulheres da Rede Somma em todo o território nacional e no exterior, contribuindo para o crescimento profissional de tantas mulheres. Estamos distribuídas em mais de 40 grupos de WhatsApp, onde o propósito é ampliar a empregabilidade das mulheres, fortalecendo seu perfil profissional para que assumam o controle sobre suas decisões e ações no âmbito profissional, conquistando sua independência financeira.

Um dia em 2019, acordei e tudo estava diferente. Olhava para as coisas que antes me impulsionavam profissionalmente e não sentia mais nada. Percebi um incômodo no coração, que andava tão acelerado como se eu fosse saltar de um avião a qualquer momento. As conversas fúteis de sempre, já não me interessavam. O trabalho que eu amava se tornou insuportável. O salário que eu recebia não me motivava. Minhas falas animadas deram lugar à insatisfação. Eu só sentia dor. Eu só queria deitar em posição fetal e chorar. Fiquei sem energia, sem vontade, sem perspectiva. Eu não cabia mais naquele trabalho. Fui diagnosticada com Síndrome de Burnout, fui afastada do trabalho em novembro de 2019 e desde então, nunca mais pisei em

um ambiente corporativo.

Minha vida foi assim por algum tempo... acordar, olhar para a janela, e me perguntar “como vou pagar minhas contas a partir de agora?” Eu não conseguia controlar os sintomas do meu corpo quando eu pensava em voltar ao trabalho, imagine como seria voltar. Até um dia em 2020, quando o universo me permitiu ouvir um grupo de pessoas iluminadas falando sobre seus negócios de impacto social. Elas tinham brilho nos olhos, amor nas palavras, confiança nos gestos, calor no abraço e exalavam um aroma de sonhos...

Essas pessoas me ensinaram a me ouvir em primeiro lugar, sentir meu coração, respeitar meus desejos, seguir meu propósito... ser quem eu nasci para ser! Mas para isso eu precisava me conhecer profundamente e acreditar em minha capacidade. Como resultado disso, encontrei um ponto de união entre meus talentos, paixões, habilidades, conhecimentos, experiências e vivências, e uma forma única de mudar o mundo. A recompensa financeira seria uma consequência do impacto e da transformação que eu geraria em cada pessoa que cruzasse o meu caminho.

Ao longo de 2020 o mundo estava, e permanece, em luta contra a Covid-19 e eu, em paralelo à isso renascia! Tomei a melhor decisão da minha vida: SER DONA DO MEU TEMPO. Passei a mapear a mudança que eu desejava fazer, colocar meus conhecimentos em prática e AGIR em prol dessa mudança. E depois de 5 anos disseminando conhecimento na Rede Somma, acompanhando de perto os anseios, dores, vitórias e aprendizados das mais de 4000 integrantes, conectando e impactando muitas mulheres, transformando vidas todos os dias, pude conquistar autoridade suficiente para criar minha nova profissão: MENTORA DE ESTRATÉGIA DE MUDANÇA DE CARREIRA.

Na verdade, o foco de todo o processo é me oficializar como mentora, por que, desde 2010 eu já ajudo gratuitamente mulheres a realizar mudanças significativas em sua vida profissional. Mais de 5000 mulheres tiveram contato comigo nesse movimento, e alguns homens também. Mas por questões de saúde, acabei me afastando desse objetivo temporariamente, direcionando minhas energias para um processo de autoconhecimento gigantesco durante isolamento social. Uma mudança profissional tão significativa leva tempo... a minha ainda está em andamento. Se quiser me acompanhar, é só me seguir no Instagram @neusacoelhomentora.

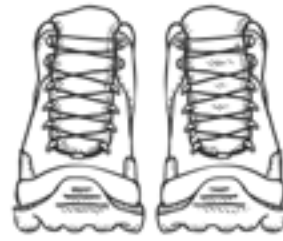
Minha vida mudou completamente nos últimos 12 meses. Sou autodidata e aprendo sozinha tudo que me interessa. Foi assim que aprendi a fazer grandes mudanças na minha vida profissional e nas empresas por onde passei. Hoje ajudo tantas outras mulheres a fazer o mesmo. Não seria justo ser recompensada por impactar e transformar a vida de tantas mulheres? A vida me recompensa todos os dias e, por este motivo, a Rede Somma só cresce, se fortalece, é reconhecida e em 2021 passou a ser um negócio de impacto social, uma rede de conteúdo gratuito que comercializa conteúdo premium.

Vem sommar!

Para saber mais sobre as experiências da Neusa:

Instagram: [@neusacoelhomentora](#) [@redesomma](#)

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/neusamariacoelho/>



Capítulo 7

Refrigeristas

“Seja a mulher que você precisava ter por perto quando você era uma menina”.

(Mariana Rupel)

Laura de Vooght



Publicada em janeiro de 2021.

Sou Laura de Vooght Mendez Figueiredo, 32 anos, tenho um casal de filhos e natural de Campo Grande- MS

Em 2012 eu junto com meu marido fomos fazer bico na empresa dos meus pais, eu ficava no financeiro e de vez em quando fazia as limpezas dos aparelhos de ar-condicionado que chegavam na oficina, estava grávida do meu segundo filho. Infelizmente o casamento não deu certo!

No ano seguinte, me mudei para o interior do Estado, Em Aquidauana há 130 km da capital, fui morar com o rapaz que eu estava noiva. Lá eu trabalhava num supermercado entrei como caixa, depois subi para o cargo de subgerente. Foi onde conheci minha “madrinha”, amiga e irmã, assim é nossa amizade.

Mais um relacionamento que não deu certo, resolvi pedir as contas e voltar para minha família. Com uma semana de volta para a capital, minha amiga me fez uma proposta de trabalhar numa gráfica com ela... Convite aceito, voltei para o interior. Os negócios não deram certo, então resolvemos parar com a gráfica.

Foi quando ela me disse, trabalha para você mesmo eu te ajudo com o que precisar. Então, foi quando resolvi abrir uma empresa de prestação de serviços no ramo de ar-condicionado em sociedade com meu irmão, essa minha amiga me ajudou para eu comprar as ferramentas para começar. O movimento no primeiro mês foi devagar, já no segundo começamos melhor e foi melhorando tanto que tínhamos serviço para a semana toda, então tive que pedir para meu irmão se mudar para lá e ele não podia.

Fiquei triste por uns dias, tive que desmarcar alguns clientes, pois eu tinha que resolver o que fazer. E eu pensava o dia todo, desisto ou toco o barco sozinha? Fiz duas ligações decisivas para mim, um para meu “paidrasto” e outro para meu irmão e fiz a seguinte pergunta: se eu gritar por socorro, vocês me socorrem? E eles sem nem pensar disseram ‘pode contar

comigo’.

Só sabia chorar de alegria e de medo. Foi o começo de uma caminhada que eu sabia que não seria nada fácil.

Mas eu não queria desistir e nem desapontar em quem acreditava em mim.

Eu não tinha quase nada de experiência e nem conhecimento, contratei o primeiro funcionário e eu não tinha carro, apenas moto, mas assim que comecei, eu ia na garupa, de um lado a evaporadora, do outro a escada e a mala de ferramentas no meio entre eu e ele. Quando eu tinha que carregar o aparelho completo ou mais coisas eu corria para os amigos e eles me emprestavam o carro, são os anjos da minha vida.

Me lembro que eu fazia chamada de vídeo da casa do cliente para meu padrasto e meu irmão para me socorrerem... Vou contar algo engraçado e muito marcante na minha profissão, a minha primeira instalação, tive medo de pegar o serviço, já estava com outro funcionário e ele nunca tinha trabalhado com ar-condicionado, mas era um ótimo ajudante. Falei pra ele, vamos encarar nossa primeira instalação.

Ao finalizar o mesmo, enviei fotos a meu irmão toda orgulhosa de mim que tínhamos conseguido, meu irmão elogiou só disse que a condensadora estava ao contrário, dou muita risada disso até hoje.

Me lembro que uma vez fui fazer recarga de fluido na casa de um cliente e a corda do vasilhame arrebentou e eu acabei caindo da moto, graças a Deus não aconteceu nada grave e ao levantar eu disse, calma você ainda vai ter um carrinho. Meu amor pela refrigeração começou a partir daí.

Com bastante serviço comecei a juntar dinheiro e comprei meu primeiro carro, foi uma conquista incrível para mim, não era novo, mas era meu.

Tinha vezes que eu tinha que correr para buscar meus filhos na escola e eu os deixava dentro do carro para não os deixar em casa sozinhos. Toda hora eu entrava e saía da casa do cliente para ver como as crianças estavam, falava que ia buscar uma ferramenta.

Perdi as contas das vezes que tive que empurrar o carro, porque não pegava, ou gritar para minha amiga Day ir me socorrer na rua ou estrada. Mas sempre agradecendo a Deus e sorrindo porque pelo menos eu tinha um carro.

Com a situação melhorando, fui atrás de treinamentos fora do meu Estado, buscando me aperfeiçoar cada vez mais. Depois de plantar, comecei a colher os frutos do meu trabalho, fui convidada a participar do prêmio Jovem Empreendedor do Mato Grosso do Sul, fui a única a conquistar esse prêmio no ramo de ar-condicionado, fiz várias entrevistas em jornais locais

e convites em rádios.

No final do ano de 2018 fui contemplada com o certificado de Atendimento e Qualidade no ramo de prestação de serviço na categoria de ar-condicionado e no ano seguinte o mesmo.

Em agosto de 2019 resolvi voltar para a capital para cuidar da minha mãe e fazer o curso de técnico de refrigeração e climatização, onde estou estudando ainda.

Sou influenciadora digital, faço campanhas para fabricantes de ar-condicionado, lojas revendedoras de ar-condicionado e loja de ferramentas. Sou a primeira mulher refrigerista do Estado do Mato Grosso do Sul a trabalhar em campo, sou Presidente da AshraestudentBranch Pantanal (Sociedade Americana de Engenheiros de Aquecimento, Refrigeração e Ar-Condicionado) e recentemente participei do programa Balanço Geral MS para contar minha história exibido na no Canal da Record.

Tenho 3 frases que tenho guardado dentro do meu coração:

- Mulher que gosta de dinheiro, acorda cedo e vai trabalhar
- Fé no Pai que o inimigo cai.
- Lugar de mulher é onde ela quiser

Conquistei muitas coisas e não quero parar, sou grata a Deus, minha família e meus amigos. Muitas vezes quis desistir, por causa de preconceito, de desânimo, de cansaço, enfim olho para trás e falo ainda bem que não desisti e nem ouvi as palavras dizendo você não consegue ou você não pode. Sou uma prova de que posso, provei pra mim mesma isso. E você também pode!

Para saber mais sobre as experiências da Laura:

Instagram: [@lauraarcondicionado](https://www.instagram.com/lauraarcondicionado)

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/laura-de-vooght-b62733197/>

Marilon Barbosa



Publicada em março de 2021.

Meu nome é Marilon Barbosa, tenho 28 anos, moro em Seropédica, baixada fluminense do Rio de Janeiro, atuo no seguimento de Refrigeração e Climatização.

Sou formada em Mecânico de Refrigeração desde 2015 e me formei Técnica em refrigeração ano passado, entre outras formações.

Em 2014 tive a oportunidade de ser jovem aprendiz de mecânico de refrigeração, a princípio “achei” estranho pois nunca tinha ouvido falar deste profissional, eu até brinquei dizendo assim: Tenho cara de borracheiro de geladeira? Kkkk Amadureci a ideia e entrei no curso de mecânico de refrigeração como aprendiz e me apaixonei pela profissão.

Não escolhi a refrigeração! Entre tantas pessoas ela me escolheu.

No início a maior dificuldade foi entrar no mercado de trabalho! Nenhuma empresa queria contratar uma mulher, ainda mais sem experiência como profissional. Bati na porta de várias empresas de refrigeração literalmente e nada! Eu chegava nessas oficinas que chamamos de “fundo de quintal” e me oferecia para ajudar, porém, ninguém me deu oportunidade.

Sou a primeira mulher a ministrar aulas de Refrigeração e Climatização no SENAI/RJ e atualmente sou a única mulher a ministrar aulas de Refrigeração no estado, os alunos sempre perguntam se eu irei dar a aula prática.

Sobre preconceito, eu entendo que tudo que foge do “padrão” causa estranhamento, muitos acham legal, diferente e outros acham um absurdo ao ponto de fazerem comentários bastante ofensivos. Sofro preconceito por ser mulher, até mesmo homens sofrem preconceito por seu tipo físico (ex. gordo ou magro, alto ou baixo etc). Certa vez cheguei em uma oficina, pois vi um anúncio de emprego e o dono ficou mudo e depois gago, pois nunca tinha visto uma mulher na área da refrigeração e chegou a me perguntar se eu era mulher mesmo.

A minha maior conquista foi as amizades que encontrei no meio do caminho, amizades verdadeiras e que sei que sempre estarão ao meu lado mesmo.

ELAS DE BOTINA : Volume I

Faço parte de um grupo exclusivo de mulheres que atuam no seguimento da Refrigeração e Climatização o Elas no AVAC-R (aquecimento, ventilação, ar-condicionado e Refrigeração), lá compartilhamos conhecimentos e desabafamos o nosso sofrimento no dia a dia, não é fácil, muitas são humilhadas no ambiente de trabalho e ficam arrasadas querendo desistir.

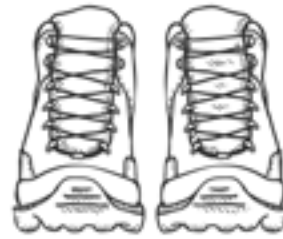
Mulheres, não desistam, se está difícil é porque vocês estão no caminho certo, continuem, um dia alguém irá te olhar e falar por sua causa eu não desisti.

É um caminho árduo, porém gratificante, quando você vê que as pessoas te admiram pelo seu trabalho.

Isso não tem preço.

Para saber mais sobre as experiências da Marilon:

Instagram: [@bmarilon](https://www.instagram.com/bmarilon)



Capítulo 8

Técnica em eletrônica

“A verdadeira dificuldade é superar aquilo que você
pensa sobre si mesma.”

(Maya Angelou)

Beatriz Bailon



Publicada em março de 2021.

Me chamo Beatriz, tenho 24 anos, sou de Ouro Preto/MG mas moro e trabalho em Contagem/MG.

Sou técnica em eletrônica, formada pelo Senai Alvimar Carneiro de Rezende.

Sempre me interessei por tentar consertar coisas ou só abrir pra ver como funciona (celular, DVD, VHS, etc) se o trem liga com algum tipo de energia elétrica eu colocava a mão...

E com esse interesse sempre por perto procurei alguns cursos pra fazer, pra entender o que estava vendo.

Fiz alguns cursos de informática, mas sempre pesquisei muito em blogs e vídeos do YouTube.

Até por fim inciar meu curso técnico em 2013

Desde que iniciei o curso até meados de Maio/2020 em meio a pandemia, eu não tive boas oportunidades no mercado de trabalho pra trabalhar na minha área de formação.

Infelizmente o preconceito com o sexo feminino é muito forte!!! Seja em empresas grandes ou em pequenas.

Tive indicação de amigos e instrutores do Senai na época, pra conseguir entrevistas em empresas renomadas. E, bom, nunca deu certo. E o interessante é que as vagas existiam, pois meus amigos (homens) que formaram comigo estavam empregados em algumas das tais empresas. A única justificativa era eu ser mulher...

Vejo que normalmente sou taxada de “intrometida ou curiosa demais” por dar opinião sobre um assunto, em algo que entendo que é a eletricidade e alguns assuntos na área de TI.

Felizmente por parte da minha família sempre tive apoio! Não tinha muito o que eles fazerem pra me ingressar no mercado, mas sempre que tem algo pra resolver me chamam, vejo que confiam no meu conhecimento. O que já vale muito.

Por muito tempo me incomodou conversar sobre meu trabalho com tanto entusiasmo. Até desisti por um período e fui trabalhar como auxiliar administrativo e depois gerente de ateliê, é muito difícil correr atrás de uma meta quando ninguém te dá uma oportunidade.

Em 2019 tive minha primeira experiência como técnica em uma assistência de smartphones renomada em BH! O trabalho era incrível, me saí super bem. Mas o convívio em laboratório com mais 5 homens foi complicado, eu não podia só fazer meu trabalho. Eu tinha que fazer meu trabalho e a todo momento provar que sabia o que estava fazendo, ouvir piadas internas sobre capacidade de mulheres cuidarem de casa e trocar uma bateria de smartphone direito, ter que responder perguntas constantes sobre se eu “conseguia fazer um determinado serviço”. Uai, se eu fui contratada e já fiz o serviço por outras vezes, lógico que sim né! Enfim, foi complicado e optei por sair para manter a paz e não gerar discussões em laboratório.

As pessoas parecem não acreditar que uma mulher pode gostar de trabalhar com o cérebro, cabos, eletricidade, furadeira, poeira e altura.

Tudo pelo que já passei me serviu de aprendizado. Nos momentos eu ficava com muita raiva sabe, como alguém pode duvidar da nossa capacidade vendo a gente fazer/falar sobre algo corretamente?! Estranho né. Mas acontece. E hoje entendo que é uma luta diária e não me incomoda mais.

Em meu trabalho como eletricitista residencial, também preciso provar pra alguns clientes que sei o que faço, mas não me importo. Mostro, eles ficam impressionados e vida que segue.

Hoje tenho uma parceria para serviços com um profissional experiente, que além de me treinar, me ajuda a abrir portas no mercado enquanto eletricitista autônoma. E em breve teremos mais mulheres na área! Algumas amigas também têm interesse e assim como eu fui ajudada a crescer, também vou ajudar.

Só assim para derrubamos preconceitos e ganhar nosso espaço em qualquer lugar que seja.

Meu conselho para todas é: NÃO DESISTAM. Situações e pessoas que só vêm pra nos derrubar, aparecem todo dia.

Meu perfil ainda é pequeno e tenho haters kkk que acham que eu devia “só cozinhar

e parar de tomar o emprego de homens capazes” (palavras escritas por um bom cidadão no meu direct).

Então, eu e muitas outras mulheres incríveis nessas redes sociais a fora estamos aqui para te apoiar!

Se sentir insegurança ESTUDE! Isso é algo que ninguém pode tirar de você, conhecimento.

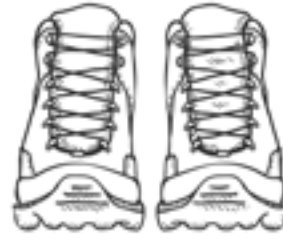
Para conseguirmos sobressair no mercado ainda precisamos nos virar nos 30. É cansativo, mas ver a cara de incrédulo do cliente/profissional que duvidava da minha capacidade de executar algo, me prova que eu sou capaz de qualquer coisa.

Um grande abraço virtual a você que leu um pouco da minha história e se precisar, estou aqui!

Para saber mais sobre as experiências da Beatriz:

Instagram: [@_biabailon](#)

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/beatriz-bailon-marques-mota-41b261206/>



Capítulo 9

Técnicas em eletrotécnica

“A melhor maneira de cultivarmos a coragem nas nossas filhas e em outras jovens é sendo um exemplo. Se elas virem as suas mães e outras mulheres nas suas vidas seguindo em frente apesar do medo, elas vão saber que é possível.”

(Gloria Steinem)

Amanda Santana



Publicada em março de 2021.

Amanda é de Goiana- Pernambuco, estudante de engenharia elétrica.

Sou Amanda Santana, formada em eletrotécnica e curso atualmente engenharia elétrica. Sou de Goiana, Pernambuco.

Venho de uma família bastante humilde, onde o que mais queria era conseguir logo um emprego pra poder ajudar meus pais um pintor e uma doméstica, mas queria algo que realmente eu gostava, comecei em uma loja de informática e vi o pessoal da manutenção nos PCs e aquilo me chamou muita atenção e vi que o mundo da manutenção era muito legal.

Então fiz minha inscrição em um curso técnico sobre elétrica e me encontrei ali, na sala de 30 pessoas só tinha eu e outra mulher que acabou desistindo.

Não foi fácil encontrar estágio, muitos não queriam mulher porque achavam frágeis e podia tirar a atenção do grupo, mas insisti e consegui meu estágio em uma das obras aqui da jeep, batalhei mais ainda para conseguir uma oportunidade de emprego e meu primeiro emprego como técnica foi na própria jeep.

Onde pude contar com um supervisor super amigo, que me apoiou e confiou nas minhas habilidades e determinação, pude aprender muito e sou sempre grata a essa família, tive a oportunidade de viajar para São Paulo, Rio de Janeiro em obras.

Tive de ralar muito como eletricista FC(força e controle), puxar cabo coisa que sempre ficaram admirados, tinha grupo que fizeram até aposta para ver em qual mês eu pedia arrego, mas não desisti.

Uma coisa que me marcou muito foi quando fui demitida antes de voltar pra Pernambuco por ser mulher, só tinha eu na manutenção, mas não me deixei abalar.

Cheguei à família Comau onde pude trabalhar com SEP, trabalhar com média tensão é algo muito desafiador e eu particularmente gostei muito, de ver toda essa parte de intertra-

vamento alimentação em anel, fiquei maravilhada.

Tive a sorte também de contar com uma equipe que me abraçou e trocamos informações de forma muito positiva, sinto que confiam em meu trabalho e em meu potencial.

E isso é muito gratificante, não corro da raia estou com eles para o que der e vier e me orgulho muito da mulher que me tornei.

Tenho amigas que querem ingressar na área, mas sentem medo do que as pessoas vão pensar, em os homens não apoiarem e não quiserem dar uma força, mas sempre aprendi que se temos um sonho não existe quem nos possa parar a não ser nós mesmos e Deus

Meu maior orgulho é poder ajudar meus pais e saber que faço a diferença na vida deles e que sentem orgulho da filha que eles têm.

Para mim isso vale ouro, quem sabe um dia não trabalho em uma grande usina.

Para saber mais sobre as experiências da Amanda:

Instagram: [@amandasantana1742](https://www.instagram.com/amandasantana1742)

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/amanda-santana-a345b2209/>

Kariny Gabry



Publicada em fevereiro de 2021.

Kariny é do Rio, é sargento eletricista da força aérea brasileira e estudante de engenharia elétrica.

Sempre estudou em colégios públicos, fez concurso em diversas escolas da rede estadual e federal entre elas a FAETEC que ficava mais próximo da sua casa, nela tinha quatro cursos com ensino médio técnico: enfermagem, informática, eletromecânica e segurança do trabalho.

Descartou primeiramente enfermagem por considerar que não tinha dom para seguir essa área e não gostar muito de sangue, informática não tinha afinidade, segurança do trabalho seu irmão tinha feito, mas não conseguia estágio, por eliminação escolheu eletromecânica, pensou: “gosto de exatas, de matemática, física”.

Durante o ensino fundamental, lá pela quarta série ficou um ano sem professor de matemática, Kariny pegava o livro e estudava sozinha, mesmo com toda dificuldade conseguiu passar em primeiro lugar para o ensino médio técnico em eletromecânica na FAETEC.

Seu pai é técnico em eletrônica e ficou super feliz por ela escolher essa área e deu todo apoio.

O ensino era de segunda a sábado de 7h às 19h, bem puxado, mas tinha muitas greves e devido a isso o ensino deixava um pouco a desejar.

No terceiro ano da FAETEC o estudo é de meio período, e o outro é para o estágio obrigatório, porém ela não conhecia ninguém na área e ninguém a dava oportunidade.

Ela fez uma prova para estágio de eletromecânica da Petrobrás, e ficou em quinto lugar, a segunda fase era uma entrevista no centro do Rio. Na espera da entrevista tinha um menino que também era de uma FAETEC, ficaram conversando um animando o outro, ele

tinha ficado em décimo primeiro.

Chegou sua hora, o entrevistador a perguntou diversas coisas sobre um assunto que ela dominava na escola, ensaios não destrutivos, falava sobre partículas magnéticas, líquido penetrante, e sua turma foi uma das primeiras a ter essa matéria. Tinha inaugurado um laboratório novo na FAETEC e na feira que teve a turma apresentou sobre essa disciplina e por isso ela dominava bem o assunto.

O entrevistador gostou dela saber muito sobre o assunto, mas disse no final: esse serviço é muito bruto para você.

Kariny ficou muito feliz por ela ter dominado o assunto na entrevista e ignorou essa última parte que ele falou.

Demorou muito para receber um retorno sobre o resultado da entrevista, e entrou em contato com o menino que ela conversou no dia. “Ti chamaram para as próximas etapas, ninguém me ligou, acho que está demorando demais, perguntou Kariny.”

Sim, inclusive já comecei, respondeu o menino.

Foi um baque para ela, por estar com tanta esperança e expectativa pela vaga, pois todas as outras de estágio ela não teve nenhuma chance e ficou muito decepcionada, frustrada e lembrou das únicas palavras negativas que ouviu do entrevistador: que aquilo era bruto demais para ela.

“Será que foi por isso que não me chamaram?” Pensou Kariny.

A partir de então ela colocou em sua cabeça: “tenho que fazer concurso público, pois não terá ninguém para me eliminar e algum que não tenha entrevista como fase eliminatória que ninguém possa me eliminar só pelo fato de eu ser mulher.”

Kariny viu que existia preconceito, as pessoas não a ofereciam oportunidade de estágio, geralmente somente para conhecidos na empresa ou amigo, em empresa com processos eliminatórios sentiu que havia resistência em dar a primeira oportunidade para mulheres, e como ela não tinha muitos exemplos de mulheres nessa área na iniciativa privada começando sozinha, então colocou na sua cabeça que só iria conseguir algo na área dela através de concurso público que a vissem como um número de inscrição sem saber seu gênero e que a avaliassem somente pelo seu conhecimento e capacidade técnica.

Em pesquisa dos concursos públicos da sua área encontrou um para sargento eletricitista da Força Aérea que poderia entrar com o curso técnico eletromecânica. Ela estava com 17 anos na época, e sempre gostou de ajudar o próximo, e quando viu que era um concurso militar se animou muito, pois juntaria duas coisas que ela gostava muito que é o seu conhecimento

técnico com o militarismo que ela admira muito e tem muito amor pelo seu país.

No terceiro ano ensino médio prestou a primeira prova para esse concurso, passou na prova, porém não foi classificada ficou com uma colação fora das vagas, mas viu que era possível só precisava se dedicar mais.

Encontrou um cursinho preparatório para esse concurso, ela conseguiu 60% de desconto, mas não era só o curso, tinha material didático, o transporte e alimentação. Sua mãe não tinha condições financeira para ela poder fazer esse cursinho, mas Kariny queria de todas as formas passar no concurso. O que fazer?

Ela precisava de mais conhecimento, pois o curso técnico de eletromecânica que ela fazia, aprendeu um pouco de cada área, de eletrônica, de mecânica e um pouco de eletrotécnica, não era específico de elétrica e para essa prova ela sabia que precisava estudar mais sobre elétrica.

Kariny ainda não tinha a experiência profissional de um estágio, e não se sentia realmente pronta para trabalhar como eletricista e sabia que para isso precisaria de mais conhecimento da parte elétrica, afinal o concurso que ela focou era para sargento eletricista.

No seu curso técnico eletromecânico ela já tinha mais afinidade pela parte elétrica do que mecânica, por isso decidiu fazer o curso técnico em eletrotécnica e fez a prova para o concurso da ETAN, Escola Técnica do Arsenal de Marinha, que tinha o curso integral e ficava no centro do Rio.

Foi aprovada.

Pensou inicialmente em utilizar este curso como estágio para o de eletromecânico que faltava para ela concluir, pois ela não queria ficar sem concluir esse curso que já estava em andamento na FAETEC.

Já teria mais conhecimento da área elétrica e o usaria como preparatório para o concurso para sargento eletricista que ela tanto queria.

Isso era em 2013, para iniciar em agosto, porém ela ainda fazia o ensino médio na FAETEC, como já era o último ano era somente meio período de segunda a sábado.

O Curso na ETAN era de segunda a sexta o dia inteiro, porém nesse ano a FAETEC ficou muito tempo em greve e ela praticamente não tinha aula, era mais estudos dirigidos, alguns professores ficaram o ano inteiro sem dar disciplina, o que possibilitou Kariny a iniciar os estudos ao mesmo tempo com o curso da ETAN.

Kariny, disse que foi uma época bem difícil, era bem distante, na FAETEC ela tinha cerca de vinte disciplinas, pois era ensino médio e o eletromecânico, e na ETAN tinha mais

umas dez disciplinas, ao todo eram cerca de trinta disciplinas ao mesmo tempo.

Ela lembra que na bibliográfica do edital do concurso para sargento tinha muitos livros de elétrica, que são bem caros, como ela estava estudando o curso técnico e a engenharia, pegava na biblioteca para estudar. Algumas pessoas diziam para ela pegar na internet e imprimir, mas ela sentia que não era certo por ser uma forma de pirataria, preferia pegar na biblioteca das escolas.

A viagem do centro para o curso técnico era longa, estudava no trem, em pé, qualquer minuto que ela tinha disponível utilizava para estudar.

Durante o dia estudava na ETAN e a noite ia direto para faculdade, as vezes chegava em casa meia noite e acordava 5h. Mesmo com os dois cursos, Kariny, focou muito no concurso e estudou muito para ele.

Ela conseguiu concluir o ensino médio técnico em eletromecânica, deu continuidade ao curso de eletrotécnico que ela concluiu no final de 2014.

Em 2014 ela foi aprovada no Pro-uni para Engenharia elétrica, fazia o técnico de dia e engenharia a noite.

Sua mãe sempre a ajudava, com alimentação, transporte, no período da faculdade e da ETAN que dava condições para ela poder estudar.

Também em 2014 fez de novo a prova do concurso da Escola de Especialistas da Aeronáutica para sargento eletricitista, fez todas as etapas, física, técnica, prática e ficou entre os reservas.

Em 2015 estudou fez a prova de novo, e sente muito a mão de Deus em sua história, nesse ano aumentaram o número de vagas.

Seu pai sempre a incentivou, em sua casa estudavam juntos, colocava provas na televisão para estudar, a levava nas provas e a esperava, no caminho de volta resolviam as provas. Em muitos momentos ficava cansada, exausta e seu pai a fazia não desistir, sempre falava que suas notas eram boas, dava muito incentivo.

Devido ao seu biótipo magra, na tentativa de justificar e de passar no concurso, Kariny foi em uma médica para dar um laudo e mostrar que esse era seu biótipo, que os exames estavam ok, que sua condição física estava bem sem nenhum problema de saúde, e que seu biótipo de magra era de família.

Kariny, levou o edital do concurso, não quero que a senhora mostre se eu tenho força porque isso será mostrado no meu teste físico é só para dizer que eu sou saudável e ser magra não me prejudica.

A médica respondeu: nesses concursos militares querem pessoas mais fortes e você não é. Você não serve para isso.

Kariny, ficou mais uma vez decepcionada e se perguntou: senhor será que escolhi errado? E começou a quase acreditar no que as pessoas a diziam.

Ela passou por diversos desafios e obstáculos no seu caminho e passa até hoje tanto no meio militar como na área técnica.

Já teve episódio de ela passar mal e as pessoas sempre associarem a fraqueza pôr a verem como uma mulher alta e magra.

Em 2015 ficou em décimo sétimo e entrou nas vagas, ali foi a afirmação de que ela era capaz em todas as vezes que ela ouviu que aquilo era muito bruto para ela.

Ela seria reprovada por conta do seu IMC que estava abaixo do limite para entrar. Kariny passou a comer e fazer de tudo para engordar tudo que nunca engordou durante toda sua vida.

Algumas pessoas diziam para ela encher os bolsos de coisas, mas Kariny dizia que se fosse para ela passar Deus a iria honrar da forma certa.

Bebeu muita de água antes de se pesar, e pela primeira vez na vida pesou 58kg e passou no exame.

Kariny chegou a ficar quase pré-diabética nessa época por tentar a qualquer custo aumentar seu peso aumentar para não ser reprovada, desesperada comia muito macarrão, muita massa, quase renunciou à sua saúde para atingir aquele peso.

No teste físico ela foi super bem.

Em 2017 assim que ela chegou em sua unidade ganhou o prêmio como o melhor teste físico, e ficou a contradição, ué, ela não é fraca?

Depois ouviu os comentários: é realmente você não é fraca.

As pessoas achavam que ela passava mal por ser magra, por achar que ela não comia, e Kariny explicava que não, era uma condição dela por ficar muito tempo em pé na mesma posição e por isso passava mal, chamada síndrome vasovagal.

No fundo, Kariny sempre tinha a sensação de precisar provar para as pessoas que ela é capaz, não basta ser capaz.

E ela conseguiu provar que era sim capaz, com todos os julgamentos que diziam o contrário só pela sua aparência.

Ela sente um preconceito maior por ser eletricista mulher do que por ser militar mulher, quando escolheu o militarismo achou que sofreria um preconceito maior por ser uma mulher militar e pelo contrário o maior foi por ela ser eletricista e verem uma mulher na escada, no poste. Seu trabalho é na linha de média tensão, 13,8kV, muitas vezes ela está lá em cima na linha e as pessoas ficam embaixo olhando.

Quando ela tem que fazer algum serviço na sala de alguém já escutou: se eu soubesse que era uma mulher que viria, eu mesmo teria feito.

Se ela chega como militar para resolver qualquer outro problema em computador ou administrativa está ok, agora se ela chega com uma escada, com maleta, para concertar uma tomada ou uma lâmpada o preconceito é maior.

Minha luta é diária para superar os desafios, foi meu primeiro emprego, não tinha experiência profissional antes, afirma Kariny.

Cada dia é um aprendizado, uma descoberta, teve muito apoio dos seus colegas, mas o preconceito ainda está encravado na cultura, e acredita que a gente precisa mudar isso através da demonstração que somos capazes de exercer a mesma função no dia a dia, com estudo, com dedicação, com força de vontade, pois muitas vezes as pessoas acham que precisam mais da força física, mas hoje com a tecnologia existem ferramentas muito mais eficazes, uma mulher com uma ferramenta adequada é capaz sim de ter a mesma eficiência que um homem.

Infelizmente no setor que ela trabalha tem pouco investimento nas ferramentas, Kariny comprou ferramentas para ela utilizar, como um alicate decapador, antes tinha dificuldade e se sentia incapaz, tinha medo, queria terminar logo a atividade, e passou a se sentir mais segura quando com suas próprias ferramentas adequadas.

Hoje ela não tem pressa, respeita seu tempo de serviço, executa com toda segurança e qualidade com muita atenção que o trabalho na área de elétrica requer.

Percebeu que com suas ferramentas adequadas conseguia uma eficiência melhor e que no fim é muita mais técnica do que força física.

A mensagem que Kariny deixa para as mulheres é que não desistam, os obstáculos e dificuldades irão existir, diz que quanto maior é a dificuldade e o obstáculo que a gente ultrapassa, maior é o nosso aprendizado e melhor é a formação do nosso caráter.

“Aprendi muito com tudo que passei, dou muito valor a minha história, procuro muitas vezes relembrar esses momentos.

Para as meninas, não acredite em comentários como os que eu escutei no meu começo: que aquilo era muito bruto para mim, que não servia para mim, que eu deveria fazer algo

mais feminino.

Não acreditem no que as pessoas dizem sobre a gente e sim que possamos ser, viver e fazer o que a gente quer e acredita. Não desista dos sonhos e objetivos por mais difícil que seja alcançá-los é muito gratificante quando você conquista aquilo pelo qual sempre almejou.

Saibam que as dificuldades não acabam, são diárias, mas todo o dia é um novo desafio e um novo aprendizado, cada dificuldade é uma oportunidade de crescer.

Com muita dificuldade ela começou a faculdade de engenharia elétrica em 2014, teve época que cursou uma matéria no semestre, e tinha que ir de São Paulo para o Rio para fazer a disciplina na sexta.

Conseguiu depois transferir para São Paulo, hoje está no oitavo período de engenharia elétrica, acredita que tudo tem seu tempo.

Não é ter pressa, desespero, cobrança, não podemos colocar tanta pressão em nós, somos seres humanos e precisamos de tempo, nem sempre estaremos bem e o importante é não desistir, é dar um passo de cada vez.

A cada passo por mais que parece que ainda está distante do seu objetivo um dia você chegará lá.

Kariny acredita que tem muito a conquistar, quer fazer mestrado, pós, quer continuar a estudar, gosta da área de energia renováveis.

Gosta de estudar para aplicar o conhecimento em algum lugar, para ajudar a sociedade de alguma forma. Acredita que é em vão estudar e guardar para si mesmo, e sim que devemos estudar para passar o conhecimento, para usar isso de alguma forma, para ajudar alguém, para contribuir com a sociedade com melhorias ou novas descobertas tecnológicas.

E quando a gente faz o que gosta, temos essa motivação de querer sempre estudar e se atualizar, sempre investir em mais conhecimento, aprendizados e criar coisas.

Se você gosta de alguma coisa, investir com muita força, fé, trabalho e dedicação, não desista nunca e sempre busque crescer e mais conhecimento.

Para saber mais sobre as experiências da Kariny:

Instagram: [@karinygabry](https://www.instagram.com/karinygabry)

Karoline Amaral



Publicada em julho de 2020.

Karoline Amaral tem 27 anos, de São Gonçalo, é eletricitista e técnica em eletrotécnica.

A Karol trabalha nessa área desde 2014 como autônoma, seu primeiro serviço com contrato foi em 2016 nas Olimpíadas do Rio, diz que não tem sido fácil para entrar no mercado de trabalho, mas esse ano conseguiu fechar um contrato na prefeitura de São Gonçalo. Conquista essa que a deixou bem feliz, assim como quando conseguiu o primeiro em 2016 que na época durou cerca de 17 dias, e foram segundo ela alguns dos melhores dias de sua vida pela importância de ter conquistado esse contrato.

Ela diz que ainda não aconteceu tudo que ela almeja, porém, fica feliz de ter conseguido entrar no mercado de trabalho, foi difícil, pois em todos os lugares que ela entregava currículo e fazia entrevistas sempre pediam experiência que ela nunca pôde comprovar, pois, nunca teve a oportunidade de trabalhar com carteira assinada e desde que começou na área todos os seus serviços foram como autônoma, na prefeitura ela conseguiu entrar por indicação.

Karol tem dado um passo de cada vez e com isso tem alcançado um bom número de clientes particulares.

O preconceito e o machismo, ainda continuam infelizmente, diz Karol.

No seu perfil do whatsapp é a foto dela e do seu esposo junto, ela diz não colocar somente sua foto sozinha, pois sente ainda muito preconceito no momento de contratarem o profissional eletricitista feminino.

Em suas páginas do facebook e instagram consegue alcançar clientes quando posta seus serviços, por compartilharem, por indicação, porém o cliente pede o contato, conversam por whatsapp marcam o serviço e quando ela chega em sua maioria o cliente tem um choque, pois esperava o marido da Karol, o homem da foto e não a mulher para fazer o serviço.

Já chegaram a perguntar: ué, cadê o eletricista? Prazer, sou eu. Esperava o homem e não você.

Tem sido um grande desafio, ela diz que o maior deles é de encontrar um trabalho de carteira assinada, que ainda não se sente realizada profissionalmente e está em busca disso, além de eletricista também é técnica eletrotécnica, e o principal é que ela se sente muito feliz nessa área que escolheu como carreira.

A Karol nunca tinha pensado em ser eletricista, diz que foi a elétrica que a escolheu.

Seu pai é eletricista e técnico em eletrotécnica aposentado, mas ainda assim nunca havia passado pela sua cabeça que um dia seria eletricista, já havia pensado em ser massoterapeuta ou trabalhar com fisioterapia, elétrica nunca.

Sempre achou fantástico saber consertar alguma coisa, algo que parou de funcionar, algo que ficou ruim, trocou a peça, mexeu e voltou a funcionar, mas nunca pensou que isso poderia ser uma profissão para ela.

Ela era atleta, jogava futebol por isso teve oportunidade de fazer cursos, procurou um que ao terminar ela poderia sair de lá uma profissional e já trabalhar como autônoma enquanto não conseguia entrar no mercado de trabalho com carteira assinada.

Dentre os cursos viu que elétrica poderia ser legal, fez um primeiro curso, elementos de eletrotécnica que era só teoria em 2014, foram 3 meses só de teoria, gostou dos fundamentos e dali começou a fazer mais cursos, no começo ainda meio perdida, partiu para o curso de comandos elétricos e só depois que fez o de eletricista predial e o técnico em eletrotécnica.

A elétrica a escolheu, e hoje é uma área que ela gosta muito.

Quando imaginar um eletricista e precisar de algum no Rio de Janeiro, pensem na Karol e acessem a página do instagram dela onde ela compartilha muitas coisas interessantes do seu trabalho.

Para mais experiências da Karol:

Instagram: [@karolineamaral23](https://www.instagram.com/karolineamaral23)

Rayssa Amaral



Publicada em janeiro de 2021.

Me chamo Rayssa Amaral, conhecida como Amaral, mas para a Família, Yssa.

Tenho 22 anos, nasci no dia 12 de outubro de 1997. Desde que me recordo, sempre tive a curiosidade de como as coisas funcionavam internamente, desde o corpo humano até equipamentos tecnológicos.

A princípio eu achava que minha vocação era na área medicinal, como biomedicina, cirurgias e afins. Com o tempo percebi que eu não via o corpo humano como ele realmente é, e sim como uma máquina, contendo engrenagens, circuitos elétricos, que era o que eu via sempre que “destruía” algum objeto para ver como ele era por dentro, o funcionamento etc.

Eu costumava abrir controles de TV's, Sons, as bonecas que falavam... Aquilo me deixava inquieta. Me lembro por diversas vezes de me perguntar como aquilo era possível, a voz de alguém sair de panos e tecidos.

Depois de mais velha, com um pouco de maturidade já me perguntava como era possível aquilo ser gravado em um objeto tão pequenino.

As conversas entre meu pai e os amigos sobre ligar uma lâmpada, meu avô fazendo “gambiaras” para levar luz para o quintal da casa tão humilde da minha avó me deixavam mais inquieta e curiosa ainda, ao ponto de um dia eu subir numa escada de metal, que o meu avô havia confeccionado, para pendurar novamente uns dos fios que haviam caído e levar um choque me mantendo presa na escada.

Me lembro de me perguntar o porquê aquilo acontecia, e o que causava, claro, logo depois que eu já estava livre do choque e bem, enquanto levava bronca da minha mãe (risos).

Aos 14 anos eu queria muito um emprego, até que minha Tia Karinne (a qual foi uma grande influência na minha carreira e sucesso) me indicou e convenceu minha mãe para eu participar do programa Menor Aprendiz no SENAI, onde eu cursava Administração e recebia

um pequeno salário por isso.

Foi mais incrível do que eu esperava, uma experiência sensacional, onde eu aprendi muitas coisas, e me destaquei. Fui muito visada pelos professores, até mesmo de outros cursos. O que eu não esperava era que isso fosse me tornar tão querida e importante ali.

Aos 17 anos fiz minha primeira tentativa para um curso Técnico em Eletrotécnica no IFES – Instituto Federal do Espírito Santo, antigo CEFET, estudei bastante, mas não fui aprovada.

Após 6 meses tentei novamente, sem estudar (risos), e fui aprovada em 3º lugar. Minha mãe não achava que eu fosse levar tão a sério, principalmente pelo fato de eu trabalhar em uma loja de roupas e isso me tomar muito tempo e energia.

Meu pai não aprovou muito, achou que não era minha vocação, apesar de eu e ele não termos muito contato.

Com o passar do tempo, fiz tentativas de Estágios, todos sem sucesso. Até que um dia recebi a ligação de um dos professores do SENAI dizendo que soube que eu estava indo muito bem no Técnico no IFES, então ele me fez uma proposta, me tornar aluna Olímpica e treinar para competições pelo SENAI.

Eu aceitei, claro.

Não cheguei a participar da minha primeira competição, pois os treinos me deram muita visibilidade e fui indicada para um Estágio. Optei pelo Estágio, já que eu e minha mãe precisávamos da renda, e eu de experiência para ingressar no mercado de trabalho.

Eu achei que finalmente eu iria ter alguma vivência prática de verdade, fora dos laboratórios das escolas. O Estágio era na área de Eficiência Energética, o que eu achei desanimador no início, com a mentalidade de “poxa vida, vou ficar no escritório quando eu queria mais era colocar a mão na massa” ...

Com o tempo me apaixonei pela área, e aprendi muito, e ali eu abri a mente para coisas novas, e descobri que na área de Elétrica existe um leque enorme de oportunidades e conhecimento. Um tempo depois vi que eu tinha uma deficiência em prática, até que descobri uma oficina de instrumentação perto do meu setor.

Sondei bastante, e senti uma enorme vontade de viver aquela experiência. “Perturbei” bastante o gerente daquele setor para que me desse uma oportunidade de estagiar lá, já que havia uma vaga não preenchida. Ouvia o tempo todo que ele não costumava admitir mulheres, principalmente pelo fato de haver somente homens em toda a oficina.

Venci ele pelo cansaço (risos), e algumas semanas depois me surpreendi com o convite

dele para ser transferida.

Nessa época eu já morava sozinha, então me empenhava muito para um dia conseguir ser admitida pela terceirizada que prestava serviço no mesmo setor, já que a empresa a qual eu estagiava só admitia através de concurso público.

Meu estágio era na parte da tarde, após eu sair do estágio eu ia direto para o IFES... Como eu precisava muito de um emprego para me manter morando sozinha e continuar estudando (já que a bolsa auxílio do Estágio era muito pouca) eu procurei empregos FreeLancers na OLX, até que achei um anúncio dizendo “Procura-se técnico em eletrônica”.

No meu estágio eu trabalhava com reparação de placas eletrônicas e componentes eletroeletrônicos, um serviço bem fino. Então, quando vi o anúncio pensei: “pode ser que eu consiga fazer, não custa tentar, vamos ver do que se trata”.

Mandeí msg para a pessoa perguntando se ele aceitava mulheres também, e ele nem se quer respondeu (risos). Então eu desisti, e segui tentando, já nem me lembrava mais desse anúncio. Até que um dia eu havia sonhado que mandava msg para alguém implorando uma oportunidade, então eu acordei e fui olhar novamente na OLX, até que me lembrei desse anúncio e procurei o telefone da pessoa por dia no meu celular. Quando encontrei me lembro de ter mandado um texto pedindo uma oportunidade.

Ele me respondeu perguntando se eu tinha carteira de motorista, e que se eu não tivesse seria um problema. Eu não tinha, mesmo assim insisti, e ele arredio não aceitou.

Passaram-se uns dias, e ele me ligou, disse que estava com uma obra muito grande e precisava de mão de obra, e me fez uma proposta.

Obviamente eu aceitei, e cheguei lá maquiada, de botinas, calças jeans e camisa de manga, e sem dúvida com minhas unhas feitas e grandes.

Me lembro dele olhar para mim e rir, com ar de deboche, e dizer: “imaginei você um pouco mais masculina, não sei se você servirá para este serviço.”

Coloquei minhas luvas, para manter minhas unhas intactas e manter minha segurança, claro.

Então comecei, trabalhava de 23:00h da noite até às 07:00h da manhã, ia pra casa, comia algo, tomava banho e dormia por 1h, e o despertador já tocava para me arrumar para o Estágio, saía de casa às 11:30h da manhã, entrava no Estágio às 13:00h, e saía às 17:00h, entrava na aula no IFES às 18:30h, e o ciclo começava novamente...

Era assim de segunda a sexta. Aos sábados e domingos eu trabalhava integralmente para o rapaz da OLX. Instalávamos câmera e passávamos cabo por toda obra de segunda a

segunda.

Quando entrei para a obra, a mesma já estava atrasada, devido a isso o proprietário da empresa a qual eu estava prestando serviço ficava muito nervoso, e humilhava a mim e a um colega que trabalhava comigo. Éramos apenas dois, para montar, instalar, e cabear a construção de um supermercado inteiro sozinhos.

Ele gritava conosco, nos ofendia, e muitas das vezes me assediava sexualmente. Mas precisávamos daquilo, não tínhamos carteira de trabalho assinada, e nenhuma outra saída. Levei aquilo até onde deu. Na obra eu era a única mulher, e muitos paravam para me observar trabalhar.

Devido a isso, outras empresas tiveram interesse em mim, e assim prestei serviço em várias delas, ganhando diária, mas nunca de carteira assinada. De acordo com os proprietários, era um risco muito grande para eles assinarem minha carteira, pois “vai que você engravida. Não posso arcar com isso”.

Meu Estágio acabou, e não pude ser admitida pela terceirizada de lá, pois não contratavam mulheres, foi o que disseram. Concluí meu curso de Eletrotécnica e iniciei o de Mecânica também no IFES.

As empresas que eu estava prestando serviço pela diária me trataram feito objeto sexual, a aquilo me doeu, então eu “chutei o balde”. Até que minha Tia Karinne pediu a um amigo da família para me dar uma oportunidade na empresa a qual ele gerenciava.

Ele sem me questionar disse que daria, de carteira assinada, sem burlar a lei, e que via competência em mim. Fiquei 8 meses na empresa, e então recebi uma proposta da VALE S.A, que é cliente da empresa a qual eu trabalhava. Desde então sou uma Ferroviária, com muito orgulho.

Devido minha rotina no passado, hoje luto contra uma anemia crônica. Não aconselho fazerem o que fiz, mas tudo pelo que passei me tornou um ser humano melhor, e me fez ter base para ajudar outras pessoas. Ninguém mais precisa passar pelo que passei para chegar ao que almejam, não se eu estiver por perto.

Hoje sou Técnica em Eletrotécnica, Técnica em Mecânica, Especializada em Eletroeletrônica, e Solda, e, estudante de Engenharia Elétrica.

Deixo como msg para todas as sonhadoras, de qualquer área: Somos protagonistas do nosso próprio futuro e sucesso. Ninguém moverá montanhas por você a não ser você mesma.

Para saber mais sobre as experiências da Rayssa: Instagram: [@yssa_amaral](https://www.instagram.com/yssa_amaral)

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/rayssa-amaral-6b157b11a/>

Rosiane Correa



Publicada em março de 2021.

Me chamo Rosiane, sou formada em eletrotécnica e faço engenharia elétrica.

Sou eletricista de manutenção e vai fazer um ano que estou à frente de uma equipe como líder (encarregada) de elétrica.

Sempre me fascinou essa profissão e tenho muito orgulho dela, tem mais ou menos uns 5 anos quando comecei e no começo tive muitas portas fechadas.

Muitas pessoas desacreditavam de mim, muitos falavam que eu não saberia nem trocar uma lâmpada.

Já fui deixada para o final da fila em uma entrevista de emprego por ser mulher, mas aos poucos fui me posicionando e mostrando que eu sou capaz.

Ainda tenho muito para percorrer, mas sei que sou capaz.

Sustento minha casa e minhas filhas com minha profissão, não é fácil, mas aos poucos fui aprendendo e me aperfeiçoando.

Hoje onde eu trabalho, meus colegas e a empresa toda me trata com respeito.

Minha trajetória não foi fácil até aqui, muitas vezes na área me senti sozinha, perdida e sofria com piadinhas e desdém, mas engolia a vontade de chorar e ia pra dentro de um painel, lançava cabos etc...

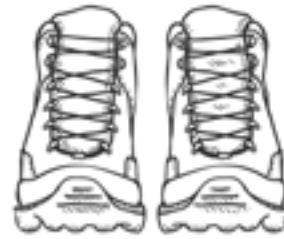
Não baixava a cabeça, todo dia era uma novidade e assim fui.

Hoje sinto um orgulho danado de mim, sou líder de equipe, sou eletricista, e faço planejamento de serviços e materiais, tenho muitas responsabilidades, mas sou bem feliz !!!

Amo minha profissão e em breve me formarei engenheira.

Para saber mais experiências da Rosiane: Instagram: [@rosianesc78](https://www.instagram.com/rosianesc78)

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/rosiane-correa-283213206/>



Capítulo 10

Técnica em Segurança do Trabalho

“Não aceito mais as coisas que não posso mudar, estou mudando as coisas que não posso aceitar.”

(Angela Davis)

Sabrina Silva



Publicada em abril de 2021.

Olá, mulherada!

Meu nome é Sabrina, tenho 21 anos e desde sempre moro em SP, hoje trago para vocês um pouquinho da minha história...

Sempre fui muito comunicativa, extrovertida e curiosa (não sei se acredito firmemente rsrs, mas dizem que é típico de leonina), essas atribuições sempre me colocaram em profissões que o contato com público era inevitável e eu sempre amei!

Trabalhei como recepcionista numa clínica de estética, também atendi a domicílio aos finais de semana, conciliando com um trabalho de aprendiz no RH durante a semana em um empreiteira, que depois virou efetivo, como disse, sempre com o público. Nessa empreiteira conheci a segurança do trabalho: Defasada, somente programas de gaveta, nada de SST funcionava efetivamente.

Comecei a pensar que seria uma boa área para me alocar: Boa remuneração, contato com pessoas e área operacional! Tudo que eu sempre gostei. Após 6 meses tentando uma bolsa, iniciei o curso de segurança no Senac, com 17 anos. Uma semana depois fiz 18 anos e me casei. O baque!

Muitas mudanças de uma só vez, a mente de uma menina mulher que queria dar conta de fazer tudo, ser independente, tirar CNH, estudar, cuidar da casa, do casamento, da saúde e da estética. Minha mente e meu copo não aguentaram. Acordava as 5h da manhã e chegava em casa quase 00h. Com a junção de tantas coisas e tantas mudanças repentinas veio a frustração, meu corpo sentiu e sua reação foi uma horrível queda capilar. Perdi cerca de 85% do meu cabelo, parecia que com cada tufo de cabelo que caía uma parte de mim também escorria entre meus dedos.

Já não queria mais ir para o curso, para o trabalho, para a academia, não queria sair de casa. Era como se no meu entorno só existisse vergonha e escuridão. Fiquei doente, depressiva, ansiosa e frágil.

No curso, sempre era pedido que fossem feitas apresentações na frente de todo mundo, ali morava meu pesadelo, todos me olhando, reparando e eu que nunca tive problemas em falar em público me via desconcertada.

Sai da empreiteira para tentar estágio na área de segurança (e me afastar um pouco da rotina tão estressante), consegui! Fui trabalhar numa empresa de comunicação por fibra ótica e, quanto mais contato com a segurança eu tinha, mais eu me encantava! Como era extensa, importante e rica essa área.

Depois de 6 meses, surgiu uma oportunidade de estagiar num tipo de empresa que eu sempre quis: Uma multinacional! Sempre ouvi dizer que empresas multinacionais valorizavam a segurança.

Com muita tristeza, me despedi do meu antigo estágio o qual eu seria efetivada, para encarar um novo desafio na área de elevadores.

Depois de um longo tratamento capilar, psicológico (que segue até hoje), e apoio da minha família, principalmente do meu parceiro comecei a me recuperar.

Já com as coisas mais encaminhadas, meu cabelo foi gradativamente crescendo, hoje escuto pessoas dizerem na empresa que, quando eu entrei lá eu era outra pessoa e, realmente eu sou.

Entre uma mulher com a essência totalmente perdida, com medo e envergonhada. Com o tempo e, devido amadurecimento, percebi que o que eu sou vai além do cabelo, do rosto e corpo (mesmo que estes façam grande diferença na autoestima).

Tudo que eu chorei nas manhãs enquanto tentava me arrumava para ir trabalhar e tudo que sofri nas noites antes de dormir, hoje são lembranças e aprendizados de um processo doloroso, mas necessário para minha evolução.

Depois de 1 ano de estágio, 1 ano como auxiliar e hoje em dia como técnica em segurança tenho certeza de que tudo que passei me fortaleceu muito como pessoa e profissional! Por vários momentos eu quis desistir, me trancar em casa e não sair mais. Mas nada é tão nosso quantos nossos sonhos, né?

E mesmo a beira do abismo, eu olhava pra baixo, via minha tatuagem que diz: me recuso a afundar e pensava: Isso ai! Em frente e sem parar. Olhava para o lado e lá estava meu marido e olhava para cima e lá estava Deus e, isso me bastava.

Nem muito firme, nem muito forte, mas segui.

Formei-me técnica em segurança, bombeiro civil e brevemente assistente técnica em perícias e, uma pasta com vários certificados é meu xodó, não são somente papéis que guardo, ali existem histórias, muito esforço e certificados que para serem conquistados custaram muito e foram recebidos com lágrimas.

A mulher que entra no mercado de trabalho se blinda todos os dias. São críticas a aparência, postura e decisões, elogios toscos e machistas e o principal e também que mais me incomoda: as vezes somos obrigadas a não sorrir, pois, um simples sorriso ou cumprimento pode ser mal interpretado. Para alguns se somos promovidas, foi porque dormimos com o chefe.

Nós, mulheres de botina, que frequentamos ambientes ocupados por (na maioria) 99% de homens, vivemos um dia inteiro com um escudo na nossa frente, mas ainda bem, né? Somos completas e se precisarmos andar com um escudo, uma espada, uma prancheta, de capacete, de botina, com cabelo ou sem cabelo, nós o faremos! Que o meu relato de tropeço possa ser impulso para que vocês pulem mais alto!

Para saber mais sobre as experiências da Sabrina:

Instagram: [@umatstdiferente](https://www.instagram.com/umatstdiferente)

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/sabrinasilvatst/>

Epílogo

Esse é só o começo.

O projeto do elas de botina, foi criado para através das histórias contadas dar visibilidade às muitas profissionais que orgulhosamente trabalham com suas botinas e incentivar as que queriam seguir por esses caminhos.

Nesse primeiro volume conhecemos as inspiradoras histórias de vinte oito mulheres que com garra e perseverança não desistiram em meio às adversidades e construíram suas carreiras em lugares onde ainda somos tão poucas.

Um livro é como um mundo de possibilidades que se abrem a cada página lida, por isso que transformei todas as histórias contadas no perfil nesse primeiro livro digital, para que cada vez mais meninas e mulheres saibam que sim, existe um mundo imenso de caminhos a escolher nos mais diversos setores.

Não deixem de cogitar ocupar espaços por ser a única mulher no lugar, seja a primeira e se puder leve as outras com você. Seja sempre uma mulher que levanta outras mulheres!

Muitas meninas e mulheres como vimos nas histórias contadas aqui não tiveram apoio nem se quer da própria família e isso é um dos grandes motivos que a maioria desiste antes mesmo de tentar. Mais do que ler as histórias, precisamos de ações para que mais mulheres não desistam das áreas que elas queiram seguir, por isso apoiar é muito importante, assim como indicar e principalmente dar oportunidade através da contratação dessas mulheres.

Não é fácil entrar em mares desconhecidos em meio a tempestades com um barquinho a remo e sem ter nenhum farol como guia, foi exatamente assim que essas mulheres de botina conquistaram seus espaços. Cada história dessa é como um farol para aquelas que corajosamente pegam seus barquinhos e decidem enfrentar esses mares.

Esse livro digital é uma produção independente e gratuita, se você acha que as histórias dessas grandes mulheres podem fazer a diferença na vida de uma pessoa, compartilhe e passe adiante.

Esse é o primeiro de muitos volumes, continue a acompanhar as próximas histórias no perfil do instagram [@elasdebotina](https://www.instagram.com/elasdebotina). Conhece ou também é uma mulher do time do elas de botina, entre em contato no direct que terei o maior prazer em contar sua história.

Vamos juntas! Por mais elas de botina.

Acreditamos na força que as redes exercem para o crescimento das mulheres, por isso é muito importante indicarmos, comprarmos , contratarmos profissionais e serviços prestados por mulheres.

Elas de botina indicam:

Um bom chá para acompanhar a leitura desse livro:

[@thefeministtea](#)

Para se candidatar no emprego que quiser:

[@secandidadetmulher](#)

Para assuntos relacionados a NR10 e PIE:

[@engkatiaalbany](#)

Para projetos e regularização de imóveis:

[@leilabrito_eng](#)

Para energias renováveis:

[@joi_energes](#)

Para Patologias:

[@marilia.eng](#)

Para manutenção residencial:

[@dona.conserta](#)

[@agilizalab](#)

[@diosamaodecobrafeminina](#)

Para aprender sobre programação e TI:

[@elasprogramam](#)

Para assuntos sobre carros:

[@graxaebatom](#)

[@donameuestino](#)

[@oficinamaigadamulher](#)

